CMP 1.2.6.17

Veja quem é o misterioso doutor Rui
Páginas 6 e 7

EX-LIBRIS
O ESTADO DE S. PAULO

jornal da tarde

O ESTADO DE S. PAULO

Cr$ 100
Segunda-feira, 6 de junho de 1966 Número 129 Ano 1

Laudo Natel toma posse na Assembléia às 11 horas de hoje

DESAPARECEU O GOVERNADOR

ENFIM ÊSTE SENHOR É VISTO PELAS COSTAS

O ex-governador A. de Barros está desaparecido desde as 23h 15m de ontem, quando saiu pela porta dos fundos do Palácio Campos Elísios, depois de uma reunião com seus secretários.

Pouco antes das 22 horas, já sabia que havia tido seus direitos políticos suspensos por 10 anos e seu mandato de governador cassado. Na proclamação que fêz confessou-se surpreendido e decepcionado.

O sr. A. de Barros estava de barba muito crescida, pálido, de terno azul-marinho. Entrou no Aero-Willys 1-83-06, acompanhado do coronel Delfim e dos srs. Silva Gordo e Jairo Cavalheiro Dias, seu médico particular.

Entre os políticos, correram dois rumores: 1) êle fugiu para a Riviera, acompanhado do misterioso Dr. Rui, que é uma mulher, da. Ana Capriglioni; 2) êle fugiu para uma fazenda em Mato Grosso.

Como Dr. Rui, da. Ana Capriglioni dava ordens no govêrno A. de Barros – conforme está contado nas páginas 6 e 7. A mulher do sr. A. de Barros, da. Leonor, está nos Estados Unidos.

A posse do nôvo governador – Laudo Natel – será às 11 horas, na Assembléia Legislativa. Laudo Natel estava em sua fazenda, a 12 quilômetros de Itu. Veio para São Paulo mas não foi para sua casa. Ficou com o deputado Salvador Julianelli até o momento em que foi anunciada a posse.

A cassação do sr. A. de Barros foi oficializada com a publicação de uma edição extraordinária do Diário Oficial, ontem de noite, em Brasilia. Da publicação do decreto de cassação, ontem, até a posse de Laudo Natel, hoje, ficou o espaço vago de mais de 15 horas em que São Paulo não teve governador.

Às 2h10m da madrugada de hoje, o presidente da Assembléia, Francisco Franco, abriu uma sessão extraordinária que durou 2 minutos e marcou a posse para as 11 hs.

À meia-noite, um helicóptero sobrevoou o Quartel General da Força Publica. 15 minutos depois sobrevoou o Palácio Campos Elisios. À meia-noite e 16 tornou a sobrevoar o QG da Força Publica. E não tornou mais a ser visto. Do sr. A. de Barros, até a manhã de hoje, não havia mais nenhuma noticia.

Kruel foi o 1.º a saber

Na madrugada de sábado, o gal. Amaury Kruel fica sabendo que o presidente Castelo Branco resolveu cassar o mandato e os direitos políticos de A. de Barros. Recebe instruções para ir ao Rio, onde, no domingo, se avista com o ministro da Guerra e o presidente da República.

À tarde, de volta do Rio, o comandante do II Exército se reune com os oficiais do Estado Maior e comandante de unidades, avisando a todos da decisão presidencial.

Às 19 horas, o delegado Altino da Silva Mendes, de plantão no DOPS, ficou sabendo por um repórter do JORNAL DA TARDE que o governador tinha sido cassado: "Puxa, isso é uma verdadeira bomba, e nós aqui não sabemos de nada".

Pouco depois das 20 horas, hospedam-se no Hotel Marabá, três oficiais do SNI: Otavio Aguiar Medeiros, João Batista Oliveira Figueiredo e Newton Cipriano Castro Leitão.

Às 20,45 horas, a Fôrça Publica entra de prontidão. O comando está reunido com o general Franco Pontes. A guarda é reforçada e a imprensa não tem acesso ao quartel-general.

Às 20,50 horas, o radio-escuta do Dops comunica ao delegado que o radio está noticiando a cassação. É dado então ordem de **recolha geral**, o que para os policiais quer dizer convocação de todos para irem ao predio do Dops, no largo General Osorio.

Às 21 horas: o Exército entra de sobreaviso, "porque não havia necessidade de prontidão, tudo está em paz". Deputado Paulo Planet Buarque telefona para a casa de Laudo Natel informando que a cassação foi confirmada. O deputado Francisco Franco, presidente da Assembléia, fica também sabendo, pela Radio Eldorado, que o sr. A. de Barros não é mais governador.

Ás 21,30 horas, a area do Palacio dos Campos Elisios é interditada ao publico.

Ás 22,35, os jornalistas têm permissão para entrar no palacio dos Campos Elisios para assistir á reunião do sr. A. de Barros com os seus secretarios.

Ás 22,30, o deputado Francisco Franco, juntamente com os deputados Mendonça Falcão, Alfredo Inacio Trindade, Leoncio Ferraz e Ademar Monteiro Pacheco chegam á Assembléia Legislativa e vão direto para a sala da Presidencia. Ninguém, ainda, sabe ao certo quando será a hora da posse do novo governador.

Ás 23,30, o QG da 4.a Zona Aerea recebe a noticia de que A. de Barros pretende fugir e passa um radio á guarnição no aeroporto de Congonhas, mandando impedir a decolagem de um avião do governador.

Na mesma hora, já com a presença de 20 deputados na Assembléia, o sr. Mendonça Falcão pedia aos jornalistas que se retirassem da sala e iniciou uma reunião. Continuavam a chegar deputados.

Ás 24 horas, um helicoptero passou sobre o QG da Força Publica, voltando a sobrevoar o mesmo local, às 24,16.

Ás 2 horas, o coronel Luis Maciel Jr., chefe do Serviço Secreto da 4.a Zona Aerea, esteve no gabinete do secretario da Segurança Publica para apresentar o promotor de Justiça, Silvio Marques Jr., que responderá pela Secretaria até a posse do novo titular.

Ás 2h15, a Assembléia convoca sessão para às 11 horas, para dar posse ao novo governador.

Tropas estão em paz nos quartéis

Na Capital, praticamente não houve movimentação de tropa. Os soldados de um onibus da Base Aerea de São Paulo entraram no QG da IV Zona Aerea, e daí em diante não entrou mais ninguém. No II Exercito, havia apenas sobreaviso — "a prontidão não é necessaria".

A opinião geral é de que a Força Publica não agirá em defesa do sr. A. Barros, de forma alguma. Os oficiais tiveram há pouco recusado um aumento, "por falta de dinheiro no Tesouro", enquanto havia nomeações em massa.

Há, entretanto, rumores de que a Força Publica está concentrando tropas em Bauru e no Vale do Paraiba, mas não se sabe a favor de quem estaria a FP se mobilizando. A Força Publica de Bauru recebeu ordem de sobreaviso. Não se dá importancia a essa concentração: "Bauru é muito longe — disse um oficial do Exercito — e quando a Força chegasse tudo estaria acabado. Além do mais, estas tropas não têm nada a fazer em São Paulo".

No Departamento de Ordem Politica e Social, e no Departamento de Investigações, há grande numero de caminhões, com tropas de choque, na porta. O dispositivo, ao que se informa, é apenas para manter a ordem na cidade. A Policia teme que manifestantes favoráveis e contrários ao sr. A. de Barros se encontrem e briguem. Não há, entretanto, nenhuma manifestação programada. Logo que se soube da cassação do governador, tentou-se, sem êxito, organizar uma marcha de archotes, em sinal de regozijo.

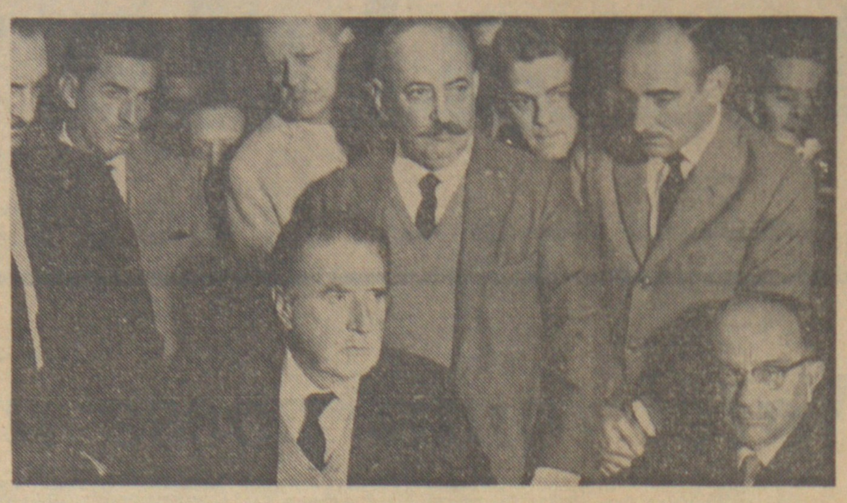
Com relação ao II Exército, nada há a temer. O general Kruel voltou do Rio afirmando que cumpriria as ordens. "Mesmo que o Kruel resolvesse resistir — disse um oficial — não seria possivel, porque o Exército é antiadebarrista". Todos os comandos do II Exército estão em mãos de coronéis contrários ao governador cassado.

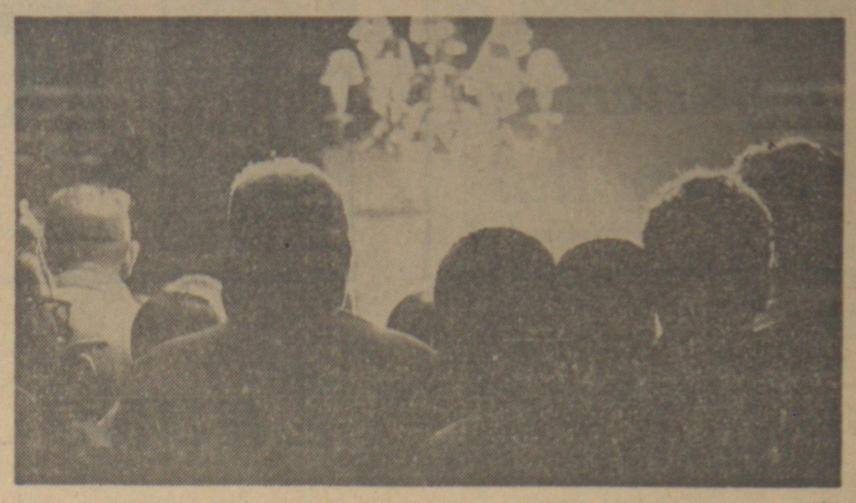
PREVENÇÃO EM SANTOS

A oficialidade do Parque da Aeronáutica do Guarujá reuniu-se desde o inicio da crise até a meia-noite, decidindo como agir. Foram tomadas várias medidas de caráter preventivo, já que se considera a Policia Maritima como fiel ao ex-governador.

De modo geral, considera-se que não haverá reações militares á cassação do sr. A. de Barros. Mesmo que o ex-governador resolvesse resistir á determinação do govêrno federal, não contaria com tropa: um levantamento feito há pouco pelos serviços secretos militares indicou que o sr. A. de Barros tem menos de 10% dos comandos da Força Publica. E isto antes de negar o aumento.

O atual comandante da Força, general João Franco Pontes, já esteve bastante integrado no esquema de A. de Barros. Isto, entretanto, porque o general Kruel também se entendia com o governador paulista. O general Franco Pontes segue a orientação do general Kruel, e dificilmente, agora, romperia sua conduta tradicional.





Queda do governador assustou muita gente, e corre o boato de que outros vão cair

A. DE BARROS CAI E FOGE

O presidente da Republica, de acôrdo com o art. 15 do Ato Institucional n.o 2, de 27 de outubro de 1965, decide suspender os direitos politicos e cassar o mandato do sr. Ademar Pereira de Barros. Êste decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

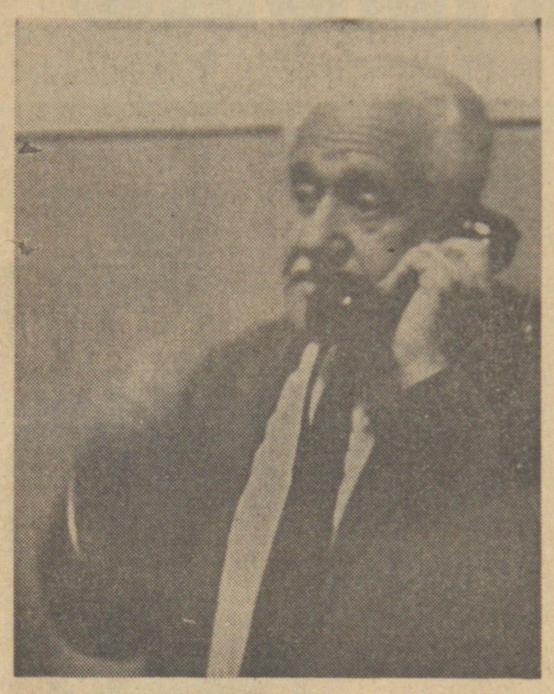
Não houve grandes surpresas: desde que A. de Barros resolvera desafiar politicamente a Revolução, tentando torpedear a Arena, e voltar à corrupção, nomeando mais de 3 mil pessoas por dia, sua cassação era esperada. Os quartéis entraram de sobreaviso, e não houve incidentes. Corre o rumor de que o sr. Janio Quadros, aliado de A. de Barros, será confinado no Interior.

A sucessão seguiu seu caminho normal, com a ascensão do vice-governador Laudo Natel. O povo, em geral, ignorava os acontecimentos; apenas algumas pessoas, em frente ao QG do II Exército, perguntavam o que havia. Preocupados estavam os deputados: o sr. Francisco Franco, presidente da Mesa, perguntava a todos se não estava em nenhuma lista de cassações. *O sr. A. de Barros, depois de lançar uma proclamação, desapareceu: saiu do Palácio, de mala, em companhia de seu médico particular e secretário da Saude, dr. Jairo Cavalheiro Dias. Segundo se afirmava, A. de Barros fugiu para o interior do Estado, de onde tentaria sair do País.*

No Interior, houve algumas comemorações: em Caraguatatuba, hoje é ponto facultativo, e ontem á noite houve banho publico de regozijo, comandado pelo prefeito.

O passado e o futuro

O professor Carvalho Pinto, ex-governador, apoiou a cassação: "O triste e revoltante espetáculo em que se convertera a vida publica de São Paulo nos ultimos tempos, subvertida pelos mais espurios cambalachos e escandalosos desmandos, acabaria por certo conduzindo a soluções mais enérgicas, sobretudo num regime revolucionário, com poderes e responsabilidades indeclináveis



O deputado Francisco Franco só se preocupava com seu mandato

para com a Nação. Tudo isso é profundamente lamentável, mas quem semeia ventos colhe tempestades. E' de se esperar, apenas, que saibam as autoridades e politicos agir sem quaisquer veleidades, ambições pessoais ou ressentimentos, a fim de que, dentro da ordem e do respeito aos direitos individuais, possa a oportunidade contribuir para o almejado saneamento da nossa vida publica e a redemocratização do País, em que se empenha o sr. presidente da Republica".

O sr. Abreu Sodré, futuro governador, também é favorável á cassação. Em nota oficial, que será lida quando da posse do sr. Laudo Natel, diz Sodré:

"O sr. presidente da República tem a grave responsabilidade de fazer respeitar os princípios da Revolução de março em todo o território nacional. Se finalmente se viu na imperiosa necessidade de tomar esta medida extrema, é porque ela se tornou indispensável à continuidade do processo revolucionário. É preciso uma grande consciência do dever para tomar atitudes como esta. Lamento apenas que circunstâncias alheias à vontade do presidente tenham imposto a São Paulo mais esta provação. Confio, contudo, nos meus conterrâneos, que saberão superar esta quadra difícil conservando o clima de ordem, de tranquilidade e de trabalho que sempre caracterizou o nosso Estado. Agora, mais do que nunca, é indispensável a união dos paulistas. De todos os paulistas, homens e mulheres, operários e empresários, estudantes e intelectuais, nas cidades e nos campos. União em tôrno de São Paulo e não em tôrno de nomes ou de pessoas. União sagrada como a que soubemos ter em outras épocas da nossa História. Só assim poderemos prosseguir na obra de reconstrução material e moral da nossa terra. A ascensão do substituto legal, o vice-governador Laudo Natel, com respeito às normas constitucionais da sucessão, ocorre num momento de extrema delicadeza. Para levar a bom têrmo o encargo que recebe, necessitará da colaboração desarmada de todos os paulistas. Estou certo de que ela não lhe faltará".

Saída teve a última gracinha

Diante do Palacio dos Campos Elisios, um grupo de pessoas que bebia cerveja num bar só entendeu a razão do policiamento ostensivo e da movimentação de carros, quando ouviu no radio a noticia da cassação do sr. A. de Barros. No portão principal do palacio, seis guardas impediam a passagem de qualquer pessoa pela calçada. Nos quarteirões, sentinelas com baionetas caladas. Exatamente às 21,30 horas, o chefe da Casa Militar, coronel Delfim Cerqueira, colocou um aviso proibindo expressamente a entrada de jornalistas.

Logo em seguida, chega o primeiro carro, trazendo o secretario da Justiça, Julio D'Elboux Guimarães. Cinco minutos depois, entra no palacio o carro com o secretario da Segurança Publica. O terceiro secretario a chegar é o da Educação, sr. Ataliba Nogueira. Seguem-se mais 43 carros, com secretarios, chefes de gabinete, deputados e amigos do ex-governador. Quase uma hora depois de ter sido colocado o aviso proibindo a entrada de jornalistas, a ordem é relaxada e todos conseguem chegar até a sala de reuniões.

O último discurso

Todos os secretarios estão sentados ao redor de uma mesa, com o sr. A. de Barros na cabeceira. O discurso começa:

— Fiz o que era possivel. O que podemos fazer? Esta reunião vai durar apenas cinco minutos e eu queria, coagido pelos acontecimentos dirigir-lhes palavras de carinho por vocês suportarem comigo esta causa difícil e pesada. A vocês, secretarios, diretores, todas estas criaturas que nos acompanharam, fica a minha palavra de adeus, de despedida. Eu poderia apenas repetir o que disse uma criatura muito conhecida minha ao deixar uma ilha do Pacífico, encurralada pela guerra: eu voltarei.

A nota de despedida foi lida pelo secretario da Educação:

"Surpreendido pelo decreto de suspensão de meus direitos politicos, sinto-me no direito indeclinavel de dirigir-me ao povo brasileiro. Jamais poderia imaginar que a mesma Revolução para cuja vitoria tão decididamente contribui, arriscando, naquela altura, minha vida e esse próprio mandato, viesse um dia a arrebatar estes direitos politicos. Compelido a deixar o mandato, que pela terceira vez o povo me confiou, protesto perante a historia, pela violencia que assim compromete todos os principios da Democracia, por cuja sobrevivencia lutamos a 31 de Março. Grato a meu povo e fiel á minha ação, consigno aqui o meu até sempre, e a minha confiança num Brasil democratico. Rogo a Deus proteja a minha pátria".

O ex-governador, ainda, acrescentou: "Está tudo certo. Tudo que Deus faz é bom. Se vocês examinarem o decreto da minha cassação, verão que não há razão. São Paulo ficará em boas mãos com o vice-governador Laudo Natel. Quanto a mim, até breve."

A foto histórica

O sr. Julio D'Elboux sugeriu, depois da reunião, uma fotografia do ex-governador com todo o seu secretariado. No Salão Dourado todos se reunem, quando chega também Ademar de Barros Filho, que é um homem alto em companhia de um colega seu, baixinho. O sr. A. de Barros aproveitou para fazer graça: "Venham, Mutt e Jeff, tirar também a fotografia histórica". Para um fotógrafo, com teleobjetiva, tem outra gracinha: "E agora, vem você também apontar este canhão para cima de mim?"

Às 23 horas, um funcionário entra com uma mala vazia de viagem. Ao mesmo tempo, chega também padre Januario Baleeiro, que foi secretário da Educação, por indicação do Dr. Rui. Do gabinete são transportados para o carro pacotes de papel: enormes volumes, alguns enrolados em lençois. Dois funcionários do Palácio fizeram cinco viagens de ida e volta até o carro, levando os embrulhos. O chefe do Gabinete Militar tentou, nessa ocasião, apreender o filme de um fotógrafo da "Ultima Hora", porque êle fotografara o transporte dos documentos. Às 23,20, o ex-governador se retira pelos fundos do palácio. A meia-noite, o transito da rua do palácio é aberto novamente ao publico.

Laudo diz logo mais como será o seu secretariado

O governador Laudo Natel deverá nomear, nas próximas horas, os novos secretários da Fazenda e Segurança Publica, e o comandante da Força Publica, que substituirão os srs. Silva Gordo, Cantidio Sampaio e Franco Pontes. Os novos secretários deverão ser da confiança do governo federal.

Gastão ou Delfim

Gastão Eduardo de Bueno Vidigal, diretor do Banco Mercantil, é o primeiro nome apontado para a Secretaria da Fazenda. Já foi o candidato mais forte á sucessão em São Paulo. Seus principios, entretanto, derrotaram sua candidatura. Gastão recusou-se a negociar as secretarias, recusou-se a repudiar suas antigas amizades, e acabou não entrando nem na lista tríplice.

Gastão Vidigal tem 47 anos, foi secretário da Fazenda, no governo Carvalho Pinto, de março de 1961 a janeiro de 1962. Convidado por Janio para ser seu vice em 1962, não aceitou: Gastão se considera homem de emprêsa, não politico. Seu pai, o falecido Gastão Vidigal, era político: foi um dos fundadores do PSD, e por causa disso o filho é também considerado pessedista, embora o desminta.

Antonio Delfim Netto, catedratico da Faculdade de Ciencias Economicas da Universidade de São Paulo, é o outro nome apontado para secretario da Fazenda. É um dos dirigentes da Anpes — Associação Nacional de Pesquisas e Estudos Sociais, grupo de assessoria de São Paulo, e pertence á equipe do ministro do Planejamento, Roberto de Oliveira Campos. Escreveu, entre outros, o livro **Planejamento para o Desenvolvimento Economico**, recentemente editado. O professor Delfim Netto é considerado um dos maiores peritos brasileiros em economia cafeeira.

Fragoso ou Dale

Para a Força Publica, são apontados dois generais: Augusto Fragoso e Dale Coutinho.

Augusto Fragoso é caricaturista, e assina **Fragusto**. Quando escreve artigos para jornais, assina **Sousa Rocha**. Tem 58 anos, colaborou nas revistas **Manchete, Ilustração Brasileira, Revista do Livro** e no jornal **O Globo**. Seu passatempo é a literatura. Foi promovido a general de Divisão por Jango, seis dias antes da queda.

Vicente de Paulo Dale Coutinho é um dos poucos generais paulistas: nasceu há 56 anos, no Vale do Paraiba. Na Revolução, servia com os generais Mourão Filho e Carlos Luís Guedes em Minas Gerais — era ainda coronel. Foi promovido a general de Brigada em 25 de novembro de 1964. Atualmente, é chefe de gabinete do general Decio Escobar, chefe do Estado-Maior do Exercito.

Segurança, nada

Para a Secretaria da Segurança, só se sabe que o escolhido terá de ser oficial de patente mais alta que a do comandante da Fôrça Publica. Se o comandante fôr o general Dale Coutinho, o secretário será general de Divisão ou de Exército; se fôr o general Fragoso, terá de ser general de Exército.

Quanto ao restante do secretariado, nada ainda está decidido. É possível, embora não provável, que continuem nos postos os secretários do sr. A. de Barros. A maior probabilidade, entretanto, é de que o sr. Laudo Natel escolha seus secretários de comum acordo com o futuro governador, sr. Roberto de Abreu Sodré. É possível, também, que o sr. Laudo Natel nomeie os secretários sem ouvir o sr. Sodré, mas não escolha ninguém incompatibilizado com o candidato da Arena.

O govêrno revolucionário deu total liberdade ao sr. Laudo Natel para a escolha dos auxiliares, exceto os secretários da Fazenda e Segurança e do comandante da Fôrça Publica.

MAIOR RENTABILIDADE

LETRAS DE CÂMBIO

AMBAR S.A.

Crédito — Financiamento — Investimentos
Av. São Luiz, 50 - 18.º and. - Cj. 182 - Ed. Itália - Séde Própria - Tels. 32-0531 - 32-0903 - 35-5407
Capital Cr$ 200.000.000 - Carta Pat. II - 230

SANDRO E MARIA DELLA COSTA, NA FUNDAÇÃO ARMANDO ÁLVARES PENTEADO

Hoje, às 20,30, à rua Alagôas, 903, Sandro e Maria Della Costa, falarão sôbre Iluminação Teatral. **A entrada será franqueada ao público.**

produtividade
produtividade
produtividade
produtividade
produtividade
produtividade

Com equipamento de som Delta, v. transmite música ambiente para todos os setores de sua emprêsa. Além de chamadas de pessôas v. divulgará informações, mensagens e leitura de boletins. Resultado? Note como a tensão e fadiga do ritmo de trabalho são eliminadas, resultando aumento de produtividade. Maior prazer no trabalho. E menor ponto de atrito. Não é o que v. sempre quis para sua emprêsa?

Credenciados pela "CREA" nossos engenheiros, sem compromisso, lhes darão a solução mais adequada e econômica para a sonorização de sua fábrica.

Delta S. A. IND. E COMÉRCIO DE APARELHOS ELETRÔNICOS

Delta há 25 anos acumula experiência na produção de equipamento de som.

Rua das Fiandeiras, 326
Tel. 61-4181 - 61-0347
C. Postal, 2.520 S. Paulo

FIM DE GOVÊRNO TEM 4 ATOS

Quatro escandalos finais foram o estopim da queda: o caso da Capua, a aliança de A. de Barros com Janio Quadros, as 13 mil nomeações em 5 dias, e a nomeação do sr. Adelávio Sette de Azevedo para ministro do Tribunal de Contas. Nos quatro escandalos, uma figura se destaca: a de dona Ana Capriglione, o **Dr. Rui.**

O primeiro caso, o da Capua, surgiu nos primeiros meses do ano: o Fundo Estadual de Construções Escolares assinou contrato com a Cia. Construtora Capua & Capua, sem concorrência publica, para a construção de 230 grupos escolares. Valor do contrato: 40 bilhões de cruzeiros. O contrato foi publicado como se seu valor fôsse de 1 bilhão de cruzeiros. O Instituto de Engenharia, o Instituto de Arquitetura, o JORNAL DA TARDE e **O Estado de S. Paulo** denunciaram a negociata. O preço por metro quadrado, contratado sem concorrência, era de 180 mil cruzeiros, quase o dôbro do vigente na praça. A Capua & Capua, irritada com as denuncias, ameaçou processar a empresa **O Estado de S. Paulo** e o engenheiro Hélio Martins de Oliveira, presidente do Instituto de Engenharia. Mas o contrato foi rejeitado pelo Tribunal de Contas, depois de tremendas pressões por parte do govêrno para que fôsse aprovado. Um dos ministros chegou a receber proposta de 500 milhões de cruzeiros para votar pela aprovação.

Madrinha da Capua & Capua: da. Ana Capriglione.

O segundo caso, o da aliança com Janio Quadros, foi o primeiro denunciado pelo JORNAL DA TARDE: ambos, inconformados com a Revolução, tramavam sua desmoralização. A. de Barros primeiro entregou a coordenação de sua bancada na Assembléia a um deputado que, por opor-se ao **Dr. Rui,** caira em desgraça: Hilário Torloni. Torloni entrou com quase tôda a bancada na Arena. Os ex-pessepistas participaram da escolha do candidato renovador, Abreu Sodré, e em seguida receberam ordens de A. de Barros para transferir-se de Partido Iriam para o Mdb que, em São Paulo, é controlado pelo sr. Janio Quadros. Entrevistado no Rio, o **Dr. Rui** dizia ser a favor da união Janio-A. de Barros: "Sempre fui grande janista".

O governador, além de mandar sua bancada trocar de Partido, comprou a **turma da pesada,** que, liderada pelos deputados Francisco Franco e Ariovaldo Roscito, ameaçou também ir para o Mdb. Francisco Franco mudar de lado tem uma importancia especial: êle é presidente da Assembléia, e eleição presidida por um homem comprado pode ser facilmente manipulada.

O caso final, das nomeações, conseguiu escandalizar até os adebarristas. O governador nomeou 13 mil pessoas em 5 dias; colocou um chefe de garagem na chefia do Departamento de Ensino Industrial; atendeu a todos os pedidos feitos por deputados. Em compensação nomeou o sr. Adelávio Sette de Azevedo, implicado em IPM por corrupção, para o Tribunal de Contas do Estado, sem que o Mdb, Partido janista, de oposição, protestasse.

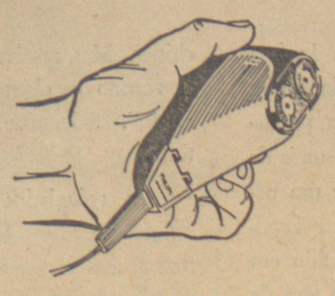
O govêrno federal levou dois dias examinando a questão, e descobriu que só havia uma maneira de impedir que o acôrdo Janio-A. de Barros, com tôdas suas implicações, desmoralizasse a Revolução e elegesse um contra-revolucionário para o govêrno: a cassação.

Outros casos

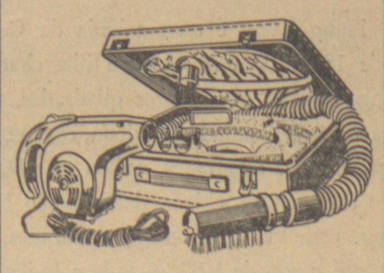
Entre os muitos casos de negociatas de A. de Barros está também o das barcaças. Para comprar duas barcaças nos Estados Unidos, que serviriam no transporte de passageiros entre Santos e Guarujá, o Banco do Estado, em 1947, abriu um credito de 24 mil dolares O processo sumiu em 57 e só foi devolvido ao Tribunal de Justiça, anonimamente, pelo correio, em dezembro ultimo, quando já estava prescrito o crime.

Os outros escandalos ocorreram em 1948, com o caso das vitaminas, em 51, com os dos Chevrolets A. de Barros tem processos instaurados contra êle em quatro varas criminais da Guanabara, sendo um dêles pela compra de um velho avião por 150 mil cruzeiros e vendido ao Ministério da Saude por 6 milhões de cruzeiros, na gestão de Mario Pinotti.

BAHIA VIA Marcopolo

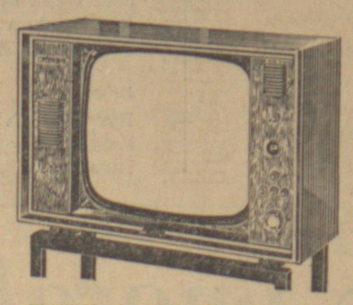


BARBEADOR PHILISHAVE
O melhor e mais prático. Elétrico e também a pilhas de lanterna.
3.740 mensais

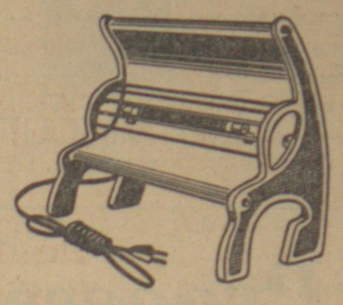


SECADOR DE CABELOS ARNO LUXO - COM MALETA
mensais iguais 5.990

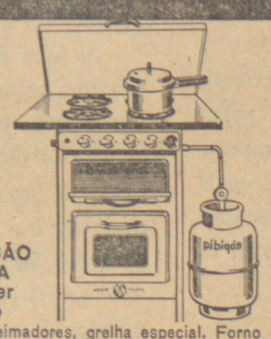
TV TELEKTA - Funciona com perfeição em qualquer lugar. Especial para dormitório ou para Você levar nas férias.
De 535.000 por 439.000
ou 21.900 mensais



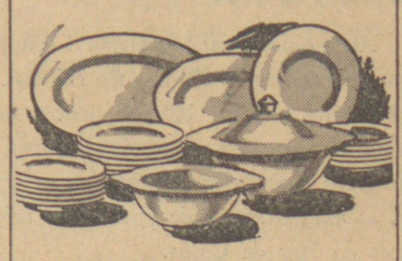
TV PHILCO - Luxo B-195-CR TRI-DIMENSIONAL
Maravilhoso consolete em modernissimo móvel em madeira de lei. 59 cm. Com ou sem "Directa" contrôle remoto sem fio.
mensais 45.990



AQUECEDOR DE AMBIENTE TEMBRA - Indispensável para o inverno que se aproxima.
De 15.800 por 9.800
ou mensais 980

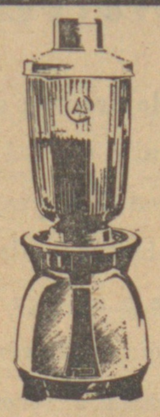


FOGÃO ALFA Super Luxo
4 queimadores, grelha especial. Forno revestido com lã de vidro.
Apenas 119.900
ou mensais iguais de 7.990
À sua escolha toda a linha de fogões Alfa.

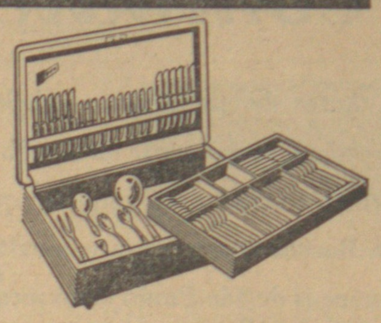


SERVIÇO DE JANTAR REAL
42 peças. Completo para 12 pessoas.
De 65.900 por 38.900
ou 3.890 mensais

LIQUIDIFICADOR ARNO
Amplo jarro anatômico. Uma velocidade para cada finalidade. Acompanha copinho medidor.
mensais 2.900 SEM ENTRADA!



CONJUNTO VIP VIGOR - 6 peças de alumínio super reforçado, com caixa para presente. Tampas azuis, anodizadas.
24.900 ou 1.590 mensais



FAQUEIROS HERCULES
24 peças - com estôjo 13.900
101 peças (estojo a parte) 48.950

Veja como em Electrolandia SEU DINHEIRO VALE MUITO MAIS!

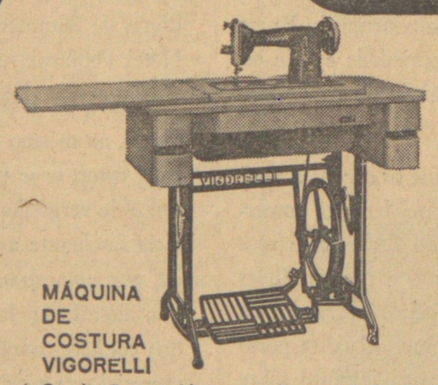
GARRAFA TÉRMICA TERMOLAR
Luxo - 1 litro
2.900

MÁQUINA DE MACARRÃO FLORENÇA
Faz as melhores lazanhas, talharins e massas para pasteis que Você pode imaginar.
19.500 ou mensais 1.950

DISCOS LONG-PLAY
12 polegadas - HI-FI
De 7.300 por 3.500
ou a prazo com todas as facilidades
E na compra de 5 discos GANHE GRÁTIS 1 L.P.

JÔGO DE CAFÉ DE PORCELANA
9 peças finamente decoradas 3.750
Xícara avulsa com pires... 290
JÔGO DE CHÁ BEIJA-FLOR
10 peças 4.950
Xícara avulsa com pires .. 440

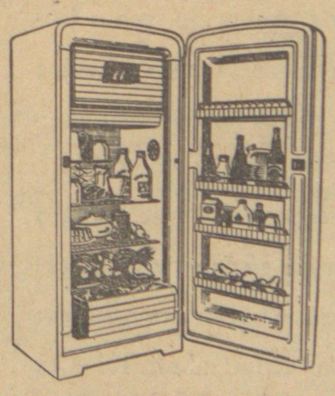
45/66



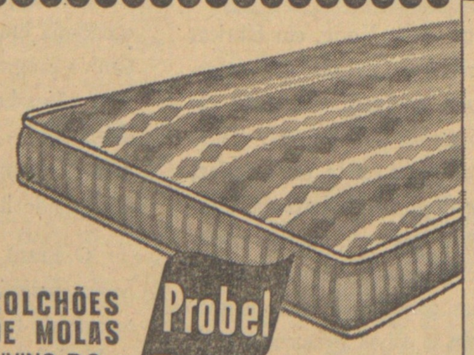
MÁQUINA DE COSTURA VIGORELLI
Construção monobloco para durar a vida inteira. Perfeição ponto por ponto.
mensais 8.900 SEM JUROS
ABAIXO DA TABELA!

QUINZENA DOS PREÇOS REDUZIDOS

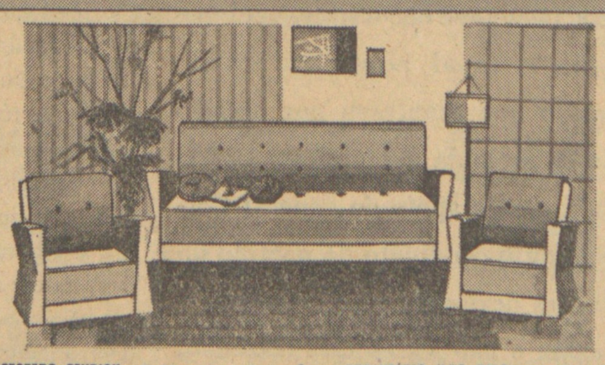
Cobertor "Peruano" - liso 13.900
Cobertor "Peruano" - casal 18.900
Cobertor "Califa" - liso 24.900
Manta especial, desenhos modernos 24.900
Cobertor "Califa" - casal 31.900



REFRIGERADOR CLIMAX
VITÓRIA-SUPER
Entrada 25.500
e 25 PAGAMENTOS IGUAIS DE 25.500

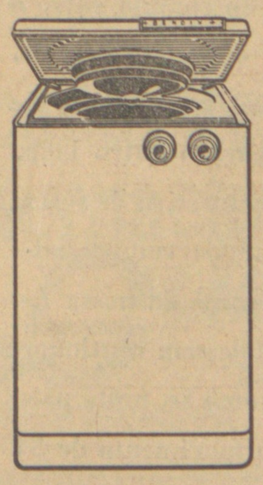


COLCHÕES DE MOLAS Probel
DIVINO P-2
De 52.500 por 39.900 ou mensais 3.190
DIVINO SUNTUOSISSIMO - Casal
De 152.500 por 121.900 ou mensais 8.900
DIVINO SUPER LUXO - Casal
De 147.000 por 115.900 ou mensais 7.900

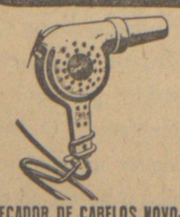


CONJUNTO ESTOFADO STURION - Sofá-cama e 2 poltronas. Estofamento com mantas extras. Revestimento de super napa em belíssimas tonalidades.
De 198.000 por 155.900
ou mensais 8.900

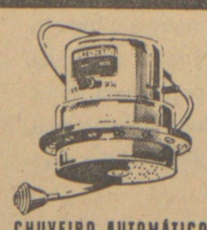
DORMITÓRIO ILHA BELA - Guarda-roupa, penteadeira, cama conjugada, banqueta finamente estofada. Acabamento luxuoso em marfim e caviuna.
De 450.000 por 339.000
ou mensais 24.900



MÁQUINA DE LAVAR BENDIX
Economat. 100% automática
mensais 29.950 SEM ENTRADA!

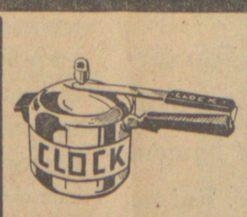


SECADOR DE CABELOS NOVOLAR - Oferta especial!
Ar quente e frio. Seca em poucos instantes. De bonita apresentação e muito resistente.
Apenas 19.500

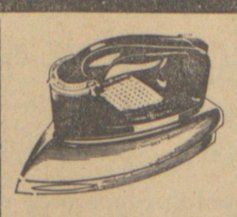


CHUVEIRO AUTOMÁTICO LORENZETTI - 110/220 volts. Com desviador e três temperaturas.
De 28.000 por 21.900
ou mensais iguais de 2.150

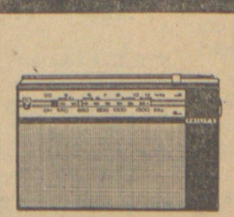
GORRO MOHAIR - Última moda! Elegante! Gracioso! Variedade de côres.
De 6.500
por 3.950



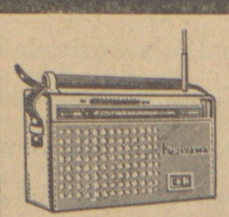
PANELA DE PRESSÃO CLOCK
4 litros. Ultra resistente. A mais moderna e aperfeiçoada.
De 15.800 por 10.800
ou mensais 1.100



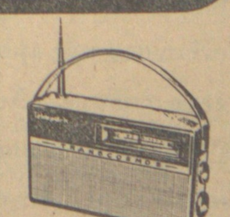
FERRO ELÉTRICO G.E. Automático - Com regulagem de temperatura p/ cada tipo de tecido. Assistência G.E.
mensais 1.990



RÁDIO PHILIPS PERSONAL
A mais apurada técnica. Longo alcance, som puro. Seletor de alta precisão. 2 antenas. Pilhas comuns.
mensais 5.900



RÁDIO FUJIYAMA - Mod. 710
2 faixas, 7 transistores e 1 diodo de germânio. Antena telescópica. Ótimo som. Estojo de couro.
mensais 3.600



RÁDIO TELESPARK TRANSCOSMOS - Ultra moderno. 5 faixas de onda. 9 potentes transistores e 2 diodos.
mensais 6.800

Electrolandia • S. BENTO 230 • TEODORO SAMPAIO 1926 • AUGUSTA 2929 • JACEGUAI 374 • Electrolandia

jornal da tarde

Publicado pela S. A. O ESTADO DE S. PAULO
Fundada em 1875

JULIO MESQUITA
1891-1927

Diretores
JULIO DE MESQUITA FILHO
FRANCISCO MESQUITA

Diretores
MARCELINO RITTER
LUIZ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA
JULIO DE MESQUITA NETO
JOSÉ VIEIRA DE CARVALHO MESQUITA
RUY MESQUITA
LUIZ CARLOS MESQUITA

Editor
RUY MESQUITA
Redator Chefe
MINO CARTA

Processo imoral para combater imoralidades

Antes de tomarmos conhecimento da decisão do presidente da República de agir dràsticamente para impedir que o sr. A. de Barros consumasse o assalto final às finanças de São Paulo e, ao mesmo tempo, completasse o plano que traçou juntamente com o sr. Jânio Quadros para, através do subôrno de deputados que estão moralmente identificados com êle, esvaziar a ARENA e eleger o sr. Faria Lima governador de São Paulo, redigíramos um editorial no qual dizíamos da vergonha com que assistíamos ao espetáculo deprimente que era a tentativa do govêrno federal de intimidar os deputados que ameaçavam sair da ARENA.

Hoje, quando se anuncia o fim do vergonhoso reinado ademaresco, hoje quando São Paulo recebe do Govêrno instituido pela Revolução a reparação pelo crime de que foi vítima quando se impediu que a Revolução aqui chegasse, acreditamos que a maior homenagem que podemos prestar ao presidente da República é publicar o que escreveramos antes de ser divulgada a grande notícia, com um único comentário: os fatos provaram que o Govêrno Federal não merecia nem a nossa amargura e nem o nosso desencanto.

* * *

Há informações seguras de que reina o pânico nos arraiais da corrupção. Depois que o govêrno federal "botou um ôlho em São Paulo" — e como tardou a botá-lo! — há deputados da "pesada" e de outros grupos que participavam do conluio entre o homem da vassoura e o preposto do dr. Rui no govêrno de São Paulo, sr. A. de Barros, debandando para o outro lado, aterrorizados ante a perspectiva de serem cassados. Nós, que jamais compreendemos como alguns membros da nossa Assembléia Legislativa pudessem continuar, impunemente, a agir como se, neste país, nunca tivesse havido o movimento de 31 de março, deveríamos estar satisfeitos e deveríamos estar aplaudindo a atitude do govêrno federal. No entanto, nem estamos satisfeitos e nem, tampouco, vemos razão para aplaudir o govêrno. O que estamos é envergonhados com o espetáculo deprimente que presenciamos e, mais uma vez, decepcionados com a atuação do govêrno instituido pela Revolução. Será, realmente, possível que homens do estôfo moral de um Castelo Branco e de um Mem de Sá não percebem o que há de irregular, o que há mesmo de imoral, nesse jôgo de assustar um bando de desclassificados, brandindo-lhe a ameaça de aplicar contra eles a lei que eles vêm violando desde que começaram a fazer política? Será que não percebem que o prestígio do govêrno federal cai ainda mais cada vez que um Ministro ou um órgão dêsse govêrno diz a um criminoso que êle será punido se não votar com o govêrno mas continuará livre se votar?

Há motivos para cassar alguns membros do bando de marginais que frequenta o palácio Nove de Julho? Então por que não cassar já, quando êles dão, mais uma vez, uma demonstração do quanto valem ao aprovarem a indicação de um homem que escapou da cadeia porque não há polícia nesta terra, para o Tribunal de Contas, e ao aprovarem a indicação para a presidência do Conselho da Caixa Econômica de um homem incompatibilizado com êsse cargo por razões que um deputado expôs, ali mesmo, no palácio Nove de Julho?

Não há dúvidas de que o govêrno federal deve agir em São Paulo, rápida e eficientemente, para impedir que êste povo pague ainda mais caro pelo êrro clamoroso que fêz ao eleger o sr. A. de Barros e a maioria dos seus representantes na Assembléia.

Mais do que isso, o govêrno tem o dever de agir, porque se não o fizer, verá que na sucessão estadual acontecerá exatamente aquilo que aconteceu por ocasião da eleição da mesa da Assembléia quando a "pesada", com o apoio do general Golbery, derrotou o candidato do partido do govêrno. Mas deve agir com dignidade e com coragem e não como está fazendo, através de processos que colocam o govêrno no mesmo plano moral daqueles contra quem deve agir.

Não se trata de punir meia dúzia dêsses marginais que participam do jôgo torpe destinado a tornar vitoriosa a candidatura Faria Lima, apoiada pelo homem da vassoura e pelo preposto do dr. Rui no govêrno do Estado, sr. A. de Barros. Trata-se de punir todos os corruptos, a começar pelo próprio A. de Barros, para que não aumente ainda mais a desmoralização do govêrno federal.

Lição de Hong Kong não é aproveitada

Carlos Lacerda

Hong Kong é uma colônia da Coroa Inglesa desde 1842. Consta de uma ilha chamada Hong Kong, com 83 quilômetros quadrados, uma península chinesa, chamada Kowloon, com pouco mais de 7 quilômetros quadrados, cedida em 1860, e um pedaço do território chinês, denominado Novos Territórios, com 946 quilômetros quadrados, cedido em 1898 até o ano de 1997, quando a Inglaterra terá de devolvê-lo.

Tudo isto junto não passa de 1.036 quilômetros quadrados e uma baía que é uma bela miniatura da Guanabara, com um excelente serviço de barcas e um projeto de túnel.

Nesse quintal da Ásia vivem 3.600.000 pessoas, das quais apenas 50.000 não são chinesas. A população inclui também 150 mil pessoas que moram dentro de barcos, os pequenos sampanas, nos quais essa gente nasce, vive e morre, ou os grandes juncos, os antigos barcos de piratas que infestavam as águas do Mar da China.

No caravançará que é Hong Kong, passa-se dos edifícios mais luxuosos, o hotel Mandarim, o hotel Hilton, os "Night Clubs" e as lojas mais cintilantes, para as furjas mais sórdidas, sem água nem esgotos, os velhos sobrados decadentes, que caem aos pares quando chega a estação dos tufões e os barcos saem da baía para enfrentá-los do mar alto, sob pena de acontecer o que ocorreu a um navio italiano que, não tendo saído a tempo, foi atirado à praia pelo vendaval furioso. Os sobrados não podem fugir e desmancham-se ao sôpro do tufão, deixando ver as entranhas nas quais palpitam crianças, plantas, peixes secos que esturricam nas calçadas, tôdas as côres da natureza e mais as das aberrações da natureza.

Um mundo de cólera morbus-endêmico, de misteriosas alergias, de tocas onde ainda se fuma ópio contrabandeado aos quilos, mundo de indianos expatriados, de pedrarias e seduções que fazem um escritor dizer: "Em Hong Kong tudo é possível".

Na zona chamada dos Novos Territórios, aldeias imemorais encravadas como manchas inapagáveis; na zona de Kowloon, um comércio estonteante de variedade e de alacre, Zumbidor colorido, numa fermentação permanente, sem domingo, sem horário, na qual o dinamismo contrasta com a indolência, a esperteza com a boa fé, e coexistem os mais diversos costumes e as mais disparatadas culturas; em Hong Kong, a massa imponente dos edifícios públicos e dos bancos, entre os quais sobressai a mole imponente do Banco da República da China, hoje propriedade e sede ostensiva do govêrno comunista chinês na Real Colônia Britânica.

Essa aglomeração portuária que só encontra símile, dizem, em Singapura, tem uma balança comercial quase seis vêzes superior à do Brasil, com seus 80 milhões de habitantes e seus 8 e meio milhões de quilômetros quadrados. Pelo menos 5 vêzes e meia mais, em dólares, é a balança comercial dêste pôrto livre onde pràticamente não se paga impôsto sôbre a renda senão em proporções ínfimas e onde as mercadorias entram e saem livremente — menos o ópio, o ouro e o fumo (se não me engano quanto ao fumo), que entram e saem mas não tão livremente.

A indústria existe em Hong Kong, em fábricas ao longo dos Novos Territórios e nas oficinas em cada andar térreo, em cada sobrado, dos quais cada janela representa pelo menos uma família. Tudo isso regurgita, se agita, compra e vende, faz e desfaz, monta e desmonta. Vê-se fazer ventiladores na calçada, as fábricas de objeto de jade e de marfim transbordam dos fundos dos casebres para o meio das casas. No bojo dos sampanas, com um coscorão de imemorial imundície, fabricam-se coisas a poucos metros das quadras de tênis irrepreensívelmente calçadas de vermelhão, onde inglêses de calças curtas e imaculadas disputam, exemplares, partidas que parecem intermináveis. Barracos perto dos quais os das favelas do Rio são palacetes estão a poucos metros do penteadíssimo campo de Golf no qual nativos e forasteiros se adestram em 19 buracos para jogar a bolinha, enquanto não chega a hora de comprar poules no canódromo de Macau, ou do jóquei clube junto ao qual, esta semana, espatifou-se com um automóvel um magnata chinês e quatro damas.

Mas, com tôda a sua indústria e o seu comércio, e da indústria e do comércio entre dois mundos que vive e prospera, principalmente, a Real Colônia Britânica de Hong Kong. Os americanos são proibidos de comprar os objetos marcados "made in China", por causa das sanções econômicas impostas pelos Estados Unidos ao regime comunista chinês. Mas, resolve-se com simplicidade o problema marcando os objetos com o sinal "made in Hong Kong". Salvam-se as aparências e o comércio continua.

Os refugiados chineses encontraram, é certo, abrigo, em Hong Kong, em apartamentos feitos em massa, mal feitos, apressadamente, num esfôrço digno de respeito. Mas, para um refugiado, quantos recusados, quantos nem puderam atravessar a fronteira. E ainda mais essa fronteira que se mistura nas ruas, nas lojas, nos bancos, com o imenso poderio da China comunista na Real Colônia Britânica de Hong Kong.

As lojas do govêrno chinês vendem artigos de consumo popular a preços de "dumping". São artigos muito ordinários, mas de consumo maciço. Os objetos dignos de menção são ainda reminiscência do artesanato. O mau gôsto predomina e a qualidade é a pior possível. Se êste é o mostruário da China, imagine-se o que será o resto. No entanto, o grosso do comércio com êsse mercado de 600 milhões de consumidores se faz através de Hong Kong.

Também por Hong Kong se abastecem os mercados do Oriente, de grande parte da Oceania, onde crescem multidões que nada têm de andrajosas e famintas, como a grande e promissora Austrália, a exemplar Nova Zelândia, e assim por diante. E' êsse extraordinário Japão, que hoje fornece mais capital do que mão-de-obra, pois os seus excedentes de população estão sendo pràticamente absorvidos pelo seu desenvolvimento interno, inclusive na ilha nortista de Hokkaido, que era a zona mais atrasada do país. Livre do militarismo e dos impulsos imperialistas, que o fascinaram e o destruiram numa guerra que para êle durou quase vinte anos, o Japão encontrou no trabalho e na inteligência o seu caminho.

Tudo isso passa, em grande parte, pela cidade de Hong Kong, que sòzinha — gravem bem êste dado terrìvelmente pedagógico — tem uma balança comercial quase seis vêzes maior do que a do Brasil.

E que tem o Brasil nestas paragens? Pràticamente nada, ou pior do que nada. Aqui continua, no govêrno da pseudo-revolução, o maior escândalo do Brasil, que é o escândalo da inércia. A par dêste, todos os demais, por maiores que sejam, são pequenos.

A crônica da representação diplomática, comercial e turística do Brasil no Oriente é um capítulo digno de Sommerset Maughan, que fêz do hall do Hotel Península um lugar inesquecível.

Ouvir os locais contarem episódios dessa crônica é, ao mesmo tempo, uma humilhação e um deleite, como se se pudesse conciliar os dois sentimentos, o de vergonha e o de fascinação. Pois é uma história fascinante a de um país governado por imbecis, por uma classe política incapaz, uma classe militar desinformada e ingênua, uma opinião pública que conhece tudo, menos a verdade, uma classe empresarial que vive da mão para a bôca e aplaude os seus carrascos sempre que êles se decidem a afrouxar um pouco os controles de uma economia pèssimamente dirigida e salvá-la da falência a que foi condenada pelos inimigos do desenvolvimento da economia brasileira em têrmos de autonomia e autêntico progresso social. Um país cujas classes populares não sabem o que lhes estão fazendo os que as dominam — mas sabem que estão sendo miseràvelmente enganadas pois sentem que estão perdendo a sua grande hora.

O Brasil podia ser, neste momento, uma das nações mais importantes do mundo, não apenas no sentido de fazer falar de si, o que é pouco e demasiado fácil, mas no sentido de adquirir um ritmo de crescimento capaz de fazê-la influir, de modo decisivo, na orientação de nações que não sabem o que fazer de sua riqueza e outras que não sabem o que fazer de sua pobreza.

Hong Kong vale por um curso na universidade. Mas os senadores brasileiros que frequentemente passam por aqui não chegam a aproveitar o curso que fazem. O ambiente do deixa-disso, a camaradagem, o temor de não ter legenda para as eleições, o horror ao certo, o gôsto pelo mais ou menos, a mediocridade, a mesquinharia que o govêrno Castelo Branco elevou à altura de um preceito patriótico e um princípio ético, essa condenação à burrice que é a característica da ditadura larvada que sucedeu à demagogia deslavada, impedem que o Brasil aproveite as lições que o mundo lhe dá todos os dias.

GOVERNADOR CAI EM SILÊNCIO

Uma mistura que não agradou pelo seu sabor de corrupção

Uma luta que chega ao seu fim

A Revolução repousa sôbre um tripé — disse em agosto de 64 um assessor do general Mena Barreto: Magalhães Pinto, Carlos Lacerda e A. de Barros. A terceira parte — completou — está podre.

A parte podre conseguiu sustentar, em avanços e recuos, uma luta de dois anos. O Inquérito Policial Militar dirigido pelo general Mena Barreto não foi adiante, e desmoralizou-se perante parte da opinião publica quando o sr. Arnaldo Cerdeira lembrou a velha inimizade entre o general e o governador. Era um caso de vingança — pensou-se. Assim morreram os inquéritos sôbre a CMTC e o trigo.

O deputado Paulo de Castro Prado apresentou à Assembléia um pedido de **impeachment**, ainda em 64, mas o documento não passou da Comissão de Justiça. O presidente da Assembléia, Ciro Albuquerque, fêz seu papel de pessepista e segurou o processo.

Durou pouco

Foi breve a aliança entre A. de Barros e os revolucionários. O governador mesmo se encarregou de realizar o rompimento, fazendo os prefeitos pessepistas prenderem e cassarem os vereadores da oposição — udenistas, na maioria. Eram acusados de subversão. Assim voltou a luta com a UDN. A paz com o governo federal durou pouco. Anunciada a extinção de subsidios para importação de petroleo e trigo, o governo do Estado imediatamente criticou a medida. Estavam condenadas as relações com o Ministerio do Planejamento e com a politica antiinflacionária do governo.

Em compensação, o governo mostrou logo que também sabia podar as pretensões A. de Barros, e demitiu seu representante no Ministerio e o presidente da Caixa Economica Federal de São Paulo, também correligionário do governador. Ao mesmo tempo, o Comando Revolucionário exigia mudanças no secretariado paulista.

A. de Barros convenceu-se rapidamente de que não poderia ser o candidato da Revolução, mas não desistiu da presidência. Um assessor dos Campos Elisios, cuja indiscrição foi muitas vêzes repreendida pelo governador, até em público, revelou o projeto: A. de Barros queria liderar a oposição, para as próximas eleições presidenciais. Não poderia fazê-lo abertamente, naquêle momento, porque não era bom abusar da tolerancia manifestada pelo govêrno revolucionário; nem poderia permanecer fortemente ligado a êsse govêrno, pois dele não esperava apoio a suas pretensões.

Como situacionista, ou como oposicionista, fracassou durante dois anos. O primeiro grande comício de exaltação revolucionária que houve em São Paulo, logo depois de abril, foi na inauguração da agência do Banco do Estado da Guanabara. A avenida Ipiranga, entre a São João e a Rio Branco, foi tomada por uma multidão que aclamou o sr. Carlos Lacerda, com fundo musical dado pela banda da Guarda Civil de São Paulo. Os adebarristas só tiveram um consolo: ver a DST guinchar um carro da confeitaria que vendeu os doces para a inauguração.

Um líder fracassado

A primeira grande tentativa de A. de Barros foi reunir, em volta de si, as forças politicas de São Paulo, para "defesa do poder civil". O PSD aderiu, mas Janio Quadros estragou o plano, interferindo junto ao PTN, partido a que pertencia o lider da oposição na Assembléia, deputado Araripe Serpa. Janio dizia que, mesmo para defender o poder civil, "era um preço muito caro aliar-se ao sr. A. de Barros".

Cada vez mais isolado, A. de Barros foi vendo a queda de outros politicos, e retraindo-se toda vez que pretendia partir para uma oposição aberta. Só no ultimo instante declarou-se favoravel á cassação de Mauro Borges, quando viu que não havia mais remedio. Nesse dia, reuniu a imprensa e mostrou as cadernetas de Prestes, que incriminavam o governador goiano. Foi uma definição demorada, e por isso mesmo mais uma derrota.

Foram dois anos de medo, um medo que frustrou todas as iniciativas oposicionistas de A. de Barros. A cada avanço, um recuo. Quando, quase um ano após a Revolução, julgou que poderia manter continuidade em suas criticas para tornar-se realmente o lider da oposição, novamente sua instabilidade o levou a receber no Morumbi o ministro do Planejamento, o que foi praticamente uma retratação. Enquanto isso, Carlos Lacerda, em São Paulo, falava aos empresarios que A. de Barros queria liderar, reunidos num congresso de transporte rodoviário.

Forma antiga

No fim de 65 e em 1966, já não houve nem cuidados, nem disfarces. A. de Barros voltara á forma antiga. Seu poder na Assembléia Legislativa foi mantido graças á mais clara corrupção. Daí para a frente, foi cada vez mais fácil reconhecer o velho A. de Barros, já sem qualquer disfarce de bom comportamento, já sem se importar com mais nada: se a Revolução quisesse ou não cassá-lo, isto não mais dependia dêle. A queda do general Justino, unico ponto possível de apoio militar ao governador paulista — pois Kruel jamais teria disposição para sustentá-lo sozinho — foi o anuncio do fim. O contrato com a Capua & Capua e as 13 mil nomeações feitas em cinco dias foram os ultimos capitulos. A. de Barros terminou sua carreira não como lider politico adversario da revolução: terminou-a sendo, simplesmente, sem disfarce, o que sempre foi por vocação.

A decisão do presidente Castelo Branco de cassar o mandato e suspender os direitos politicos do sr. A. de Barros foi tomada, no sabado, em meio ao maior sigilo. O general Amaury Kruel, comandante do II Exercito, ficou sabendo da decisão presidencial na madrugada do mesmo dia, seguindo, no dia seguinte, domingo, para o Rio. No Ministério da Guerra, recebeu do general Costa e Silva o comunicado oficial e avistou-se depois com o presidente Castelo Branco.

O comandante do II Exercito voltou a São Paulo, à tarde, seguindo direto ao quartel-general, onde se reuniu com os oficiais do Estado Maior e das unidades paulistas. A reunião durou cerca de uma hora, e mais ou menos às 19 horas, o general foi para a sua casa, onde jantou. Voltou ao quartel às 20 horas, mantendo nova reunião com seus oficiais. Às 21 horas, as tropas entravam de sobreaviso "porque não havia necessidade de prontidão: tudo está em paz".

A decisão do Governo Federal foi comunicada por elementos do Departamento Federal de Segurança Publica ao ex-governador. Para os auxiliares do general Amaury Kruel, a situação já estava toda definida desde o inicio das noticias, e nenhum deles acreditava em uma possivel resistencia do sr. A. de Barros.

Primeiras providências

O general Amaury Kruel, apontado como um dos sustentaculos do ex-governador, recebeu ordens expressas de assegurar a ordem em São Paulo. Ainda no quadro de segurança previa, convocou-se ao Rio, para uma reunião no Ministério da Aeronáutica, o comandante da 4.a Zona Aérea, major-brigadeiro Carlos Alberto Huet de Oliveira Sampaio um dos baluartes do esquema revolucionário em São Paulo.

Cassando o mandato do sr. A. de Barros, o presidente da Republica, em vez de intervir no Estado, o que implicaria em posterior ratificação pelo Congresso — em época pouco propicia do ponto-de-vista político — decidiu pela substituição normal do governador pelo vice-governador. Aliás, quando em meados da semana passada, o sr. Laudo Natel estêve no Palácio das Laranjeiras, foi prevenido, por alto, de que possivelmente viria a assumir o govêrno de São Paulo.

Ao mesmo tempo em que decidiu liquidar o sr. A. de Barros, o presidente da República determinou ao chefe do SNI que enviasse um oficial a esta Capital, para prevenir o deputado Francisco Franco de que pusesse fim imediatamente à manobra de transferir deputados da ARENA para o MDB. Estas duas medidas eliminaram a manobra de esvaziamento da ARENA e consolidaram, pelo que se soube, a candidatura do sr. Abreu Sodré no quadro sucessório estadual.

Em consequência, o sr. Faria Lima — cuja candidatura vinha sendo alimentada pelo próprio chefe do SNI, general Golbery Couto e Silva — não se lançará mais, ao que indica, à aventura sucessória, permanecendo na Prefeitura para cumprir o seu mandato até o fim, de acôrdo com o que tantas e tantas vêzes declarou pùblicamente antes e depois de eleger-se.

Fim da aliança

Liquidado o governador, neutralizada a pesada, afastado o sr. Faria Lima, consolidada a candidatura Abreu Sodré — entrosado no esquema político do marechal Castelo Branco — esboroa-se a aliança janismo-adebarrismo e põe-se fim à trágica opção paulista.

A área em São Paulo está limpa, o que fortalece o presidente da Republica, alargando-lhe o campo de manobra e a Revolução, que afinal se inicia neste Estado.

A êste respeito, sabe-se que haverá uma devassa administrativa geral, comparável à que se procedeu em todo o país depois da Revolução, para apuração de tôdas as irregularidades do govêrno A. de Barros, em todos os setores, para anulação de tudo quando deva ser anulado e para fixação das responsabilidades de todos os que se tenham envolvido nas bandalheiras.

RÁDIO ELDORADO
700 quilociclos

Faça como o Zeca jante na "A BISTECA"

ALUGUEL DE CARRO VIA Marcopolo

A Família de
MANOEL PERES GONZALEZ
agradece sensibilizada a todos que a confortaram no doloroso transe por que passou e convida os parentes e amigos para assistirem à missa de 7.o dia que fará celebrar, HOJE, dia 6 do corrente, às 8 horas na Igreja do Brás, à Av. Rangel Pestana.
Por mais este ato de religião e amizade antecipadamente agradece.

O Simca Emi-Sul tem nôvo teto e vidro traseiro mais amplo e é apresentado em novas e fascinantes côres.

Sinta V. também como é excitante dirigir um carro de classe internacional. Experimente o Simca Emi-Sul V8

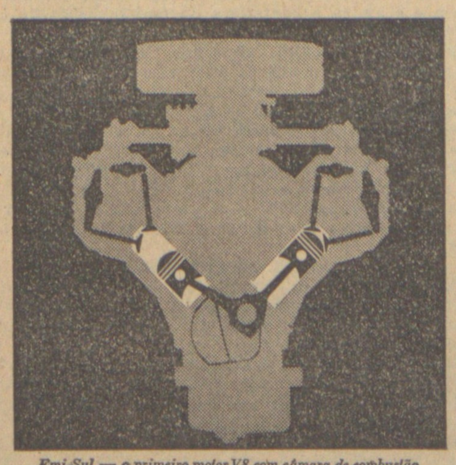
130 e 140 HP
CLASSE INTERNACIONAL

O nôvo super-motor Emi-Sul foi especialmente estudado para as condições brasileiras tais como: elevadas temperaturas, constantes variações de altitude e gasolina com características não uniformes. Graças às soluções básicas e radicais introduzidas no nôvo motor, o Emi-Sul:

- *aproveita ao máximo qualquer tipo de gasolina,*
- *jamais esquenta, mesmo trabalhando nas mais elevadas temperaturas.*

O Emi-Sul é um motor de classe internacional. Apresenta um conjunto de aperfeiçoamentos que poucos motores do mundo possuem e é construido com os melhores e mais adequados materiais, o que lhe permite:

- *potência elevada — (130 e 140 HP),*
- *elasticidade excepcional e rápida subida de rotação,*
- *robustez e longa vida.*



Emi-Sul — o primeiro motor V8 com câmara de combustão hemisférica fabricado no hemisfério sul.

O automóvel Simca, cuja estabilidade, freios e durabilidade já eram incomparáveis, agora, com o nôvo motor Emi-Sul, atinge, indubitàvelmente, o nível dos carros de grande classe internacional.

Experimente o nôvo Simca Emi-Sul nos revendedores autorizados.

na Europa, experimente a nova linha 1966 da Simca-França.

Informações nas agências de viagens, nos revendedores SIMCA e na SOCIEDADE INTERAUTO LTDA., Rua Marconi, 71 - 2.º andar - Conj. 22 Tels.: 33-5322 e 34-2415

Denison

Da posse à queda, uma pessoa misteriosa governou São Paulo por trás de A. de Barros. Esta personagem queria eleger o nôvo governador, e foi quem dirigiu o acôrdo Jânio-A. de Barros para derrotar Abreu Sodré na Assembléia. Esta personagem misteriosa tem dois nomes: o primeiro é Ana Capriglione. O outro veio das conversas por telefone com A. de Barros, que, para não mostrar que obedecia uma mulher, respondia: "Pois não, dr. Rui".

ESTA MULHER É O DR. RUI

Mário Pinotti — médico, herói da luta contra a malária, candidato dos cientistas brasileiros ao Prêmio Nobel. Conheceu o Dr. Rui, passou a ser homem de confiança do sr. A. de Barros e, em troca do apoio do PSP ao presidente Juscelino Kubitschek, foi nomeado ministro da Saude. Quase saiu do Ministério para a cadeia. Até hoje responde a inquéritos, e os escandalos de desvio de dinheiro e compra de aviões são lembrados até hoje.

Hélio Tornaghi — Advogado, foi contratado pelo Dr. Rui para defender Mário Pinotti. Evitou a prisão do ex-ministro da Saude. Seu trabalho foi tão eficiente que o sr. A. de Barros indicou-o, logo após a Revolução, para o Ministério da Justiça. Recusada a indicação, Hélio Tornaghi, que nunca dirigira uma empresa ou tivera contato com aviação, foi nomeado diretor da Vasp.

UMA FÔRÇA QUE SOBE

As primeiras intervenções do Dr. Rui na politica foram estas. Em São Paulo, sua primeira nomeação foi a do capitão Joaquim Leite de Almeida para a direção da CMTC, durante a Prefeitura A. de Barros. Mas o Dr. Rui ainda estava no Rio, em seu apartamento do Morro da Viuva. Vinha pouco a São Paulo e pouco influia na vida do Estado. Sua grande oportunidade veio na eleição, de 1960, quando chefiou, do Rio, a campanha presidencial de A. de Barros.

O Dr. Rui era secretário do escritório do Comitê Nacional do PSP e secretário particular de A. de Barros. De um conjunto de salas da Rua México, despachava com politicos, jornalistas, cabos eleitorais. A. de Barros perdeu as eleições, mas o Dr. Rui ganhou muita experiência política.

Em 1962, A. de Barros foi eleito governador. O Dr. Rui, que distribuira as verbas de propaganda, mudou para São Paulo, e instalou seu gabinete num apartamento da rua São Luís.

Enquanto o adebàrrismo festejava a vitória, o Dr. Rui organizou o govêrno. Entre os dias 30 de outubro de 1962, da vitória, e 31 de janeiro de 1963, da posse, coordenou a movimentação política, tomou o Poder e só agora perdeu o contrôle.

No Govêrno do Estado, há um cargo mais importante que todos os outros: a Chefia da Casa Civil. O chefe da Casa Civil é quem fala pelo governador, dialoga com os outros Podêres e com a União, e, preparando os despachos do Executivo, é quem realmente administra. Da Chefia da Casa Civil, o Dr. Rui nunca abriu mão.

Álvaro Assunção, primeiro chefe da Casa Civil de A. de Barros, e até hoje um desconhecido. O Dr. Rui o trouxe do Rio, e nem A. de Barros sabia quem era. Álvaro Assunção passou pelo Poder e saiu com escândalo. Que se sabe sôbre êle? Nos últimos oito anos antes de assumir a Chefia da Casa Civil, Álvaro Assunção foi funcionário do Gabinete do presidente do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. Foi levado pelo Dr. Rui para ser secretário do Diretório do PSP no Rio de Janeiro. Dizem que funcionou muito bem na fase em que o Dr. Rui armava seu esquema. Um dia, Álvaro Assunção brigou com o Dr. Rui e sumiu. Não pediu demissão, foi demitido. Nunca se apurou coisa alguma. Chegou-se a dizer que fugira com parte da caixinha.

Artur Audrá, substituto de Alvaro Assunção, era bem conhecido. Nunca mexera com política, mas era forte em negócios e na sociedade. Artur Audrá, na Chefia da Casa Civil, segundo os funcionários que com êle trabalharam, passou o tempo atendendo a telefonemas do Dr. Rui e cumprindo suas ordens. Antes de deixar o cargo, Artur Audrá levantou 800 milhões de cruzeiros no Banco do Estado, e requereu concordata para a firma da família, Cia. Fabril de Juta de Taubaté. Dois mil operários ficaram sem emprêgo. A Prefeitura de Taubaté decretou calamidade publica, a Camara Municipal pediu IPM, o deputado Murilo Sousa Reis denunciou ao presidente da Republica a transferência fraudulenta das máquinas da firma para o Paraná, da Assembléia veio pedido de IPM no Banco do Estado. Artur Audrá esperou passar a crise e deixou a Chefia da Casa Civil. Foi para as praias de São Sebastião e até hoje está lá, que o grande sonho de sua vida é um barco a motor super-equipado.

Adelávio Sete de Azevedo substituiu Artur Audrá. Em 1964, o general Mena Barreto, chefe de um IPM sôbre corrupção, mandou prendê-lo. Adelávio, avisado a tempo, fugiu para Goiás, no caminho da Bolívia. Depois Mena Barreto caiu e o IPM parou. Adelávio voltou. Fugitivo da Justiça, foi por algum tempo secretário da Justiça do sr. A. de Barros.

Adelávio Sete de Azevedo deve ao Dr. Rui sua ascensão política. Há muitos anos acompanha A. de Barros, como servidor e amigo. Nunca teve reivindicações. Tinha um salário de redator do jornal **O Dia**, e só. Vestia-se com roupas velhas, mascava sempre um cigarrinho barato. O Dr. Rui, que batizou seu filho, colocou-o na CMTC, transformou-o mais tarde em secretário particular do sr. A. de Barros e em chefe da Casa Civil — e, agora, em ministro do Tribunal de Contas. Adelávio, compadre do Dr. Rui, foi até hoje o ponto-chave de seu esquema político.

UM AMIGO DOS AMIGOS

Uma das características principais do Dr. Rui sempre foi lutar por seus companheiros, enquanto o obedecem, e tranquilamente abandoná-los se se afastam de sua orientação. Dois casos típicos: padre Januário Baleeiro e sr. Cássio de Toledo Leite.

O padre Januário Baleeiro, homem de muitos pontos duvidosos e alguns inequívocos, era totalmente desconhecido em São Paulo quando o Dr. Rui o trouxe do Rio para a Secretaria da Educação.

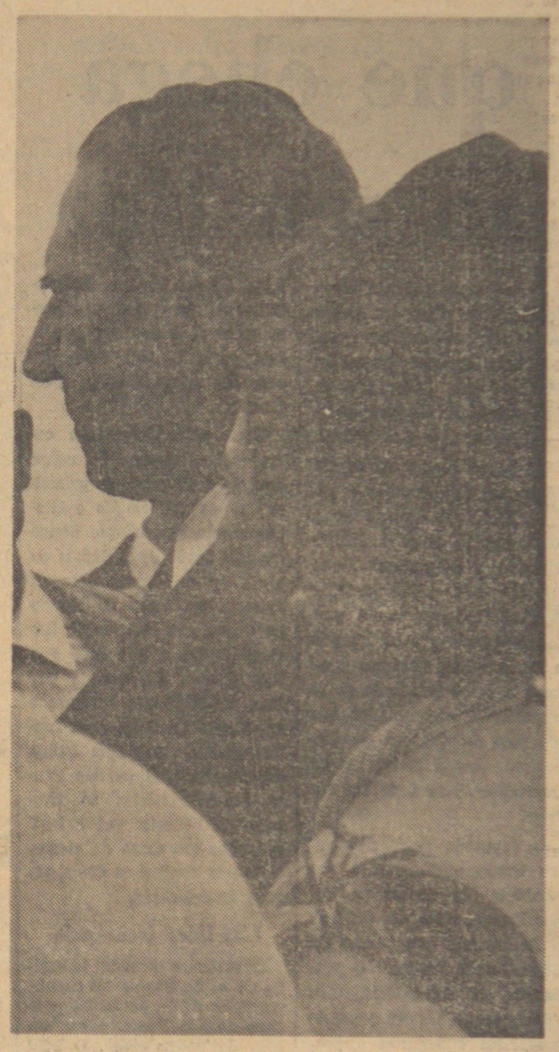
Dizem que Baleeiro curara o Dr. Rui, há alguns anos, de uma doença. Baleeiro é também de Belém do Pará, terra do Dr. Rui. O padre quase levou a Secretaria da Educação à falência. Os convênios feitos pelo Fundo Estadual de Construções Escolares chocaram até os funcionários mais ligados ao secretário. Em pouco tempo, o padre Januário Baleeiro comprou, por muitos milhões, a mansão da rua Buri, n.o 100, no Pacaembu. Nesta casa aconteciam coisas muito estranhas, afirma-se que até simulacros de casamentos. Depois de algum tempo, a Secretaria da Fazenda, por não ter garantia de boa aplicação de verba, recusou-se a entregar mais dinheiro ao padre Baleeiro. Êle fôra pouco eficiente, deixara que seus escandalos se tornassem publicos. O Dr. Rui deixou-o cair. Baleeiro foi demitido e o acusaram de malversação de verbas e corrupção de menores. As acusações não foram desmentidas.

Cássio de Toledo Leite havia sido diretor do Banco do Estado, de onde fôra afastado por corrupção. Quis ir para a Caixa Econômica, mas o governador teve receio de nomeá-lo. A mensagem propondo o nome de Cássio de Toledo Leite para a Caixa foi enviada à Assembléia pouco depois de uma viagem sua ao Rio, onde se encontrou com o Dr. Rui. A Assembléia rejeitou a nomeação de Cássio por 51 a 21: até o líder do govêrno votou contra. Mas o Dr. Rui insistiu. Cássio de Toledo Leite foi para a presidência da Caixa mesmo sem a aprovação da Assembléia, "para responder pelo expediente".

Algum tempo depois, Cássio acertou sua indicação com o deputado Francisco Franco, presidente da Assembléia e chefe da **pesada**. A Assembléia aprovou seu nome.

Cássio caiu por dois motivos: o primeiro, por ter-se desentendido com a firma **Capua & Capua**, muito conceituada junto ao Dr. Rui, no caso do contrato de 40 bilhões denunciado pelo Instituto de Engenharia; segundo, por ter feito um empréstimo a conhecido colégio de São Paulo, onde, alguns dias depois, o Dr. Rui foi mal recebido.

Uma das ultimas nomeações feitas pelo Dr. Rui foi a da Diretoria do Banco do Estado. O deputado Fernando Mauro afirmou, da Tribuna da Assembléia, que o Dr. Rui escolheu a Diretoria. E o sr. Ricardo Gasparian, grande devedor do Banco, que sempre procurou ridicularizar o Dr. Rui, passou a defendê-lo e foi nomeado diretor da Carteira de Crédito Geral. E, finalmente, o sr. Adelávio Sette de Azevedo foi para o Tribunal de Contas.



Em todo o govêrno, o Dr. Rui ficou ao lado de A. de Barros

COMO É ANA CAPRIGLIONE?

Ana Gimol Burlamaqui Benchimol nasceu em Belém do Pará, há pouco menos de 60 anos. Menina muito inteligente, dizem. Veio criança para o Rio, quando seu pai, Samuel Benchimol, se mudou com tôda a família. Seu irmão, dr. Aarão Burlamaqui Benchimol, é cardiologista e tem grande prestígio. No início de sua carreira, o dr. Aarão foi colaborador do médico Luís Amadeu Capriglione, com quem Ana casou.

O dr. Capriglione formou-se em 1923, na turma do médico A. de Barros. Chegou a catedrático de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, e nunca pensou em política. Muito amigo de A. de Barros, entretanto, permitiu a inclusão de seu nome no Conselho Nacional do Partido Social Progressista. Morreu em agôsto de 1953, aos 53 anos. Não deixou filhos. No Morro da Viuva, Rio de Janeiro, deixou, num luxuoso apartamento, a viuva, dona Ana.

Ana Capriglione é uma mulher insinuante, extremamente inteligente. Tem grande tirocínio político, e uma visão que poucas mulheres tiveram na História.

Ela é morena, cabelos escuros, tem uma pinta artificial no alto da face direita. Usa jóias caras, de muito bom gôsto.

Da. Ana não sai sózinha. Em São Paulo, usa um automóvel Mercedes 219-D, chapa fria SP — 25-30-81, que já teve a chapa GB — 8-95. Este carro é abastecido no Palácio dos Campos Elisios. Nele, o sr. A. de Barros fêz tôda sua ultima campanha eleitoral.

O endereço de da. Ana em São Paulo é Praça da Republica, 32, apartamento 2.301, telefone 36-3800. No Rio de Janeiro, o endereço é avenida Rui Barbosa, 350, 9.o andar, telefone 45-0727. O carro, no Rio, é um Mercedes azul, chapa GB 3-71.

É muito supersticiosa. Toma banho com ervas especiais para tirar mau olhado. Apesar disto, vai muito á missa e é amiga e benfeitora de muitas irmãs de caridade do Rio de Janeiro.

É pessoa de muitas amizades. Mas, ultimamente, suas relações mais proximas estiveram nos circulos políticos. Alguns de seus melhores amigos no Rio são da bancada adebarrista na Camara Federal. No almoço de comemoração ao aniversario do sr. A. de Barros, dia 24 de abril, dois velhos pessepistas fizeram carinhosos discursos em sua homenagem. Carvalho Sobrinho elogiou sua fidelidade e seus ideais. Paulo Lauro chamou-a de "cireneuzinho" — a que ajuda a carregar a cruz. Ganhou uma rosa de ouro e oitenta pessoas bateram palmas.

A NOITE MAIS LONGA

Em São Paulo, entretanto, da. Ana não foi muito bem recebida. Sua apresentação á sociedade foi feita em novembro de 1964, quase dois anos depois de sua mudança para São Paulo.

Heinrich Nordhoff, presidente da Volkswagen alemã, visitava o Brasil. O presidente da Volks brasileira, Friedrich Wilhelm Schultz-Wenk, deu uma recepção em sua homenagem.

Quando da. Ana entrou na sala, o ambiente gelou. Mas ela ficou firme, e sentou-se á mesa de honra. Mas a mesa de honra também ficou praticamente vazia: permaneceram apenas o homenageado, o anfitrião, o governador, o casal Dagoberto Sales e ela.

Em represália, da. Ana passou a só aparecer em atos oficiais. As duas últimas vêzes em que compareceu foram a pôsse da Mesa da Assembléia Legislativa e um jantar na Feira de Utilidades Domésticas, com o governador A. de Barros.

Com a sociedade, da. Ana não quis mais nada. Só avistava as senhoras paulistas nos salões do Vogue, onde comprava roupas, acompanhada pelo chefe do Cerimonial do Palácio do Govêrno, Plínio Collás — que carregava suas bôlsas e peles. Plínio Collás, várias vêzes tentou uma apresentação, mas nem sempre deu certo. Já houve casos em que da. Ana foi obrigada a ouvir um sêco "não quero ser apresentada a ela".

O que São Paulo fêz a da. Ana pagou ao Dr. Rui, que tinha o domínio político dos paulistas. Do apartamento da rua São Luís, governava, despachava com secretários de Estado, convocava deputados, examinava contratos, recebia empreiteiros de obras, dava pareceres, deliberava sôbre preenchimento de cargos-chave do govêrno.

É muito fácil ver de onde se governava São Paulo. Passe em frente à Praça da República, 32, olhe para cima. O apartamento é o de cobertura, ocupa todo o último andar. Todo o grande terraço panorâmico, o Dr. Rui mandou fechar, e assim seu apartamento se distingue do prédio inteiro. E, erguendo as persianas verdes do terraço panorâmico, o Dr. Rui podia olhar para baixo, e ver São Paulo a seus pés.

ANUNCIEM NOS CLASSIFICADOS DO jornal da tarde de O Estado de S. Paulo

ÁGUAS DE SÃO PEDRO VIA Marcopolo

EDITAL

Encontram-se abertas, no Serviço de Transporte Motorizado da Secretaria da Segurança Pública, à Alameda Cleveland, 534 — 4.o andar, Concorrências permanentes para aquisição de peças e acessórios para veículos automotores, bem como de matéria prima, para emprêgo nos mesmos veículos, tais como: tintas, thiner, massa plástica, lixa, pasta para solda, estôpa, etc.

As firmas interessadas deverão registrar-se, prèviamente, neste Serviço.

WALTER DE MORAES MACHADO SUPPO
Del. Chefe do S. T. M. SSP

ERA DELA O GOVÊRNO PAULISTA

O Dr. Rui estava agora pronto para tentar o grande salto de sua carreira: a eleição do próximo governador do Estado. Só a queda do sr. A. de Barros atrapalhou seus planos. Mas quase o Dr. Rui conseguiu continuar a governar São Paulo.

O dispositivo estava pronto para a luta. No governo de São Paulo, ninguém contrariava o Dr. Rui. O general Aldévio Barbosa de Lemos, que conspirou na Revolução, o deputado Hilário Torloni, respeitado por todos na Assembléia, o professor Miguel Reale, acatado e ambicioso, não conseguiram manter-se no govêrno após contrariá-lo.

O Poder Executivo estava controlado pela Chefia da Casa Civil. O Dr. Rui tinha também dentro do Palácio uma peça importante: Plínio Collás, que acumulava as funções de chefe do Cerimonial e seu secretário particular. O sr. Plínio Collás despachava na rua São Luís, no Palácio Bandeirantes, no Morro da Viuva, e até na fazenda do sr. A. de Barros, em Cachoeira dos Indios. Plínio Collás organizava a agenda do sr. A. de Barros, dizia quem ia ou não ás recepções, preparava as idas do Dr. Rui aos atos oficiais, cercando-as de toda tranquilidade, dizia quem sentaria ou não á mesa do banquete. Missão importante: formava ou destruia prestigios junto ao governador.

Uma grande parte da instalação de móveis e decorações do Palácio Bandeirantes ficou a cargo do chefe do Cerimonial. Há reclamações judiciais, processos, etc. Para colocar Plínio Collás no cargo, o dr. Rui teve de afastar do Cerimonial um diplomata de carreira, Hélio Scarabotolo, que não se curvaria. Plínio, nas horas vagas, acompanhava d. Ana, quando ia experimentar vestidos.

O chefe do Serviço de Imprensa do Palácio Bandeirantes, sr. Correia Neves, também acumulava as funções de amarrar os sapatos do governador. A. de Barros tem hérnia, e não consegue curvar-se fàcilmente. Os cordões de seus sapatos ficam a cargo de Correia Neves.

O chefe do Serviço de Imprensa começou a vida como repórter, mas não progrediu por ser fraco em Português. O dr. Rui o transformou quase em secretário político. Correia Neves controlava o mimeógrafo do Palácio, máquina que transformava em notícias para os jornais todos os assuntos de interêsse do dr. Rui. Exemplo: há pouco tempo, o dr. Rui quis nomear seu amigo Alberto Nagib Riskalah, mas não tinha cargo. Então, Correia Neves distribuiu aos jornais notícia de que o secretario de Turismo, Blota Jr. havia pedido demissão.

Recentemente, Correia Neves foi também nomeado vice-diretor da DST. Não entende nada de transito, mas ninguém melhor que êle podia levar os recados do dr. Rui a todos os setores — especialmente à Secretaria da Segurança e ao sr. Geraldo Alonso, um empresário muito entendido em aplicar verbas de propaganda do govêrno.

AS ARMAS DO DOUTOR

A segurança do Dr. Rui era garantida pelo sr. Cantidio Nogueira Sampaio, secretário da Segurança. O Dr. Rui tinha policiais armados à sua disposição e agente do DOPS tomava conta de seu gabinete. O estacionamento em um trechinho da rua Basílio da Gama, atrás de seu apartamento — atrás da galeria Metrópole era-lhe privativo. Há pouco mais de dois meses um rapaz, que insistiu em estacionar seu carro ali, foi parar na cadeia.

Cantídio garantia o Dr. Rui, e recebia em compensação os altos cargos da Secretaria da Segurança que o govêrno havia reservado para a eleição da Mesa da Assembléia, e que não foram usados. Cantídio nomeou parentes e amigos: a relação das nomeações foi publicada pelo JORNAL DA TARDE.

O dinheiro para manter o dispositivo em funcionamento vinha da Secretaria dos Transportes, ocupada pelo sr. Dagoberto Sales. Uma das principais funções do sr. Dagoberto, no cargo, era aplicar o conto do Pôrto de São Sebastião. O sr. Dagoberto Sales já levantara pelo menos 5,5 bilhões de cruzeiros para o Pôrto — e não existe, absolutamente não existe, em lugar algum, o projeto executivo do Pôrto de São Sebastião.

Em seu primeiro ano de Secretaria, Dagoberto comprou locomotivas, no segundo reformou uma residência, no terceiro construiu um armazém. Conseguiu também fazer enormes transposições de verbas para outro conto do vigário, que se chama Hidrovia Ariri-Bertioga, que ninguém sabe o que é. Milhões de cruzeiros, que haviam sido destinados ao Pôrto, foram desviados para a Hidrovia. Nesta tarefa, o secretário agia por um preposto, engenheiro Luís Américo Pastorino, extranumerário mensalista, ref. 53. Êste engenheiro é quem riscava o mapa para justificar o levantamento de dinheiro para o Pôrto, já que não existe projeto executivo.

ÊSTE É BROCA

Uma das mais importantes frentes do dispositivo do Dr. Rui era o deputado André Broca Filho, seu secretário da Agricultura. Broca é um dos mais antigos amigos do Dr. Rui no govêrno, conhecem-se desde os tempos de Diretório Nacional do PSP.

Já em 1952, Broca foi acusado, na Camara Municipal, pelo vereador Modesto Guglielmi, de ligações com hotéis suspeitos. Nada foi provado, e Broca Filho fêz carreira. Até há poucos meses, Broca agia por um amigo seu, um empreteiro que o Dr. Rui colocara na Secretaria de Obras: Pélerson Soares Penido.

Pélerson é um rapaz trabalhador que venceu na vida apesar de notoriamente semi-analfabeto. Como secretário, mandava escrever no **Diário Oficial** e placas de obras que era engenheiro.

Nesta época, o secretário Pélerson Soares Penido contratou com a firma do empreiteiro Pélerson Soares Penido a construção de uma estrada de primeira classe — como a Via Anchieta — de Guaratinguetá a Cunha. Cunha é o lugar onde ficam as terras de propriedade de André Broca Filho.

Depois da saida de Pélerson, Broca veio pessoalmente para o govêrno. Substituiu Arnaldo Cerdeira — que, outrora grande amigo do governador, não conseguiu manter-se amigo do sr. A. de Barros depois de brigar com o Dr. Rui.

O padre Januário Baleeiro é descoberta do Dr. Rui

GORDINHO É CONOSCO!
CLÉSIO MUNIZ VEÍCULOS S.A.
RUA AURORA, 1.011

RÁDIO ELDORADO
700 Qlcs.

antuérpia vende jóias a prazo por preço menor do que os outros vendem à vista. conheça os preços da antuérpia.
Abotoaduras de ouro 18 k. em 10 pagamentos de Cr$ 5.900, sem entrada e sem acréscimo. 12 de junho - dia dos namorados.
Lapidação de Diamantes
antuérpia Ltda.
R. São Bento, 290, 5º andar
Tel. 35-65-29
Joias - Relogios - Brilhantes

12 de Junho
DIA DOS NAMORADOS
presentes úteis que "ÊLE" gostará de receber!

LOJAS
A Exposição
Patriarca - São Bento - Brás - Belém
Lapa - Penha - Sto. Amaro - Sto. André
S. Bernardo - V. Maria - Clipper Santa Cecilia

Camisa esporte Tergal, colarinho italiano fechado, diversas côres, todos os tamanhos.
$ 16.500
ou $ 1.650 mensais

Calça esporte de Nycron, Tergal, Veludo e Extensible, aviamentos de nylon.
$ 28.000
ou $ 2.800 mensais

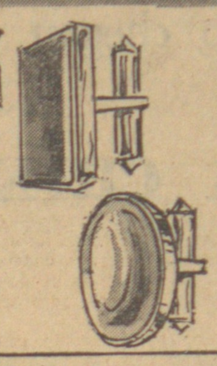
Barbeador Philips - Philipshave, dupla voltagem 110/220. Acondicionado em lindo estôjo.
$ 4.810 mensais
SEM JUROS

Pulôver de legítima lã, gola olimpica, gola V e aberto, côres modernas.
$ 39.500
ou $ 3.950 mensais

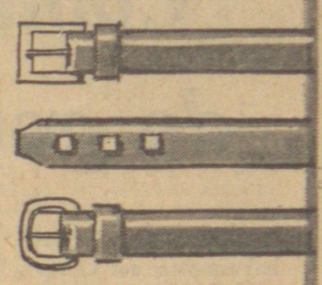
Rica coleção de gravatas, legítima sêda-pura, padrões modernissimos, listradas e fantasia.
$ 7.500

Camisa Tergal Belport lisa e fantasia, branca e côres, punhos reversíveis.
Lisa $ 13.500 ou $ 1.350 mensais
Fantasia
$ 16.500 ou $ 1.650 mensais

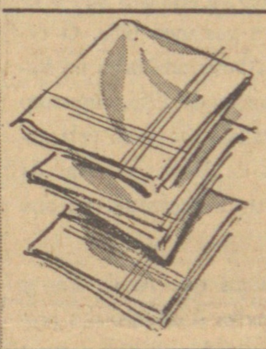
Rádio Fujyama, 2 faixas de ondas, 8 transistores, potência e pureza de som, finíssima capa de couro.
$ 89.500 ou $ 8.950 mensais



Moderno sortimento de abotoaduras, jogos e prendedores folheados a ouro.
Desde $ 5.500

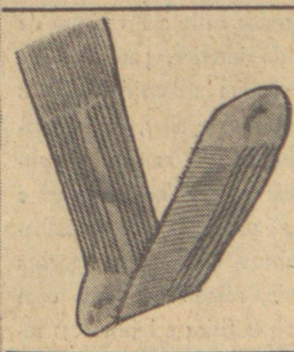


Grande coleção de cintos Lazco, Ipu e Pelrex nos mais finos couros.
Desde $ 1.950

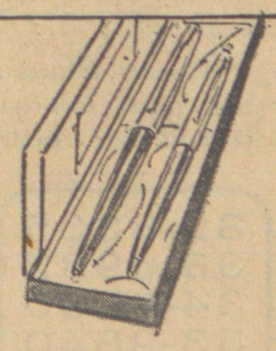


Lenços brancos e côres, vários padrões da moda.
Desde $ 390

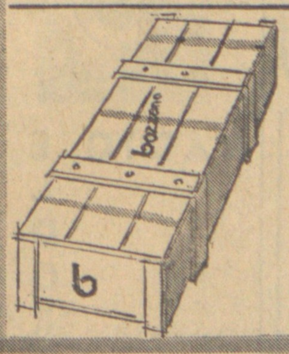
Carteiras de couro liso e graneado, com escudo folheado a ouro.
Desde $ 3.900



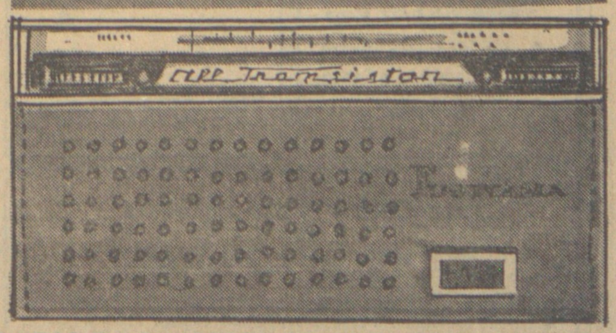
Meia Helanca, tamanho único, com baguete, côres modernas.
$ 1.250



Jôgo Imperial Silver, caneta e esferográfica Sheaffers. Fino estôjo para presente.
$ 17.250
ou $ 1.725 mensais



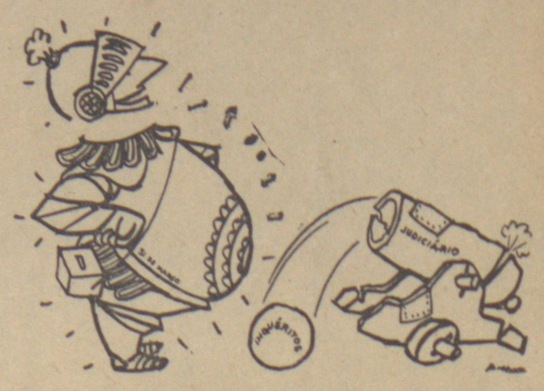
Estôjo Bozzano tipo exportação.
$ 3.600



12 DE JUNHO "DIA DOS NAMORADOS" • 12 DE JUNHO "DIA DOS NAMORADOS" • 12 DE JUNHO "DIA DOS NAMORADOS" • 12 DE JUNHO

VIDA E OBRA DE UM CORRUPTO

Foi ontem a última noite do Dr. Rui: a Revolução chegou



Êle foi sempre o mesmo, nos 10 anos em que governou S P

Adesão em 64 foi bom negócio: mais 25 meses no poder

A caixinha voltou em 1962

Como surgiu a história do governador promessão

Depois da Revolução de março, um diplomata boliviano foi aos Campos Eliseos cumprimentar A. de Barros e dizer que o povo de seu país não o tinha esquecido, e continuava gostando dêle. O ex-governador teve tempo para fazer amizades na Bolívia, pois ficou lá alguns meses de 1956, enquanto a Justiça decidia se devia ou não ser preso pela negociata dos Chevrolets. A. de Barros escapou da prisão e voltou para disputar a Prefeitura no ano seguinte.

Foi na campanha eleitoral que A. de Barros ganhou o apelido de **Promessão.** A relação das promessas foi divulgada dias antes das eleições e outra vez depois da posse na Prefeitura, em 8 de abril de 1957. Exatamente um ano depois, o jornal **Folha da Manhã** publicou a lista e um balanço da gestão do prefeito, mostrando que pràticamente nenhuma das promessas fôra cumprida.

A. de Barros prometera governar 4 anos, combater a carestia com a organização do abastecimento e a substituição do Cinturão Verde pela Estrela Verde, descentralizar o Mercado Municipal e criar mercados distritais, com contratos entre a Prefeitura de São Paulo e prefeituras do interior, para fornecimento de generos de primeira necessidade. Mais ainda: construção de armazens e silos, reaparelhamento da CMTC para acabar com as filas sem aumento de tarifas, construir maternidades, creches e vilas gratuitas nos bairros, para filhos de trabalhadores, postos de puericultura, escolas com lanches dados pela municipalidade, recantos infantis com piscinas, centros de educação fisica e bibliotecas infantis.

Prometera construir a Cidade Nautica, um balneario popular com centros esportivos e de educação fisica, abrir o estadio do Pacaembu aos clubes varzeanos e apoiar os gremios desportivos. A. de Barros disse que daria teatro ao povo; audições musicais; apoio ao cinema nacional; amparo á arte e cultura e fomento do turismo.

Outras promessas: fazer viadutos nos bairros para eliminar as porteiras, pavimentar as ruas de bairros, ampliar a rede de iluminação, organizar comandos tapa-buracos, fazer as ligações entre bairros e intermunicipais com boas estradas, e também não aumentar nenhum imposto, taxa ou emolumento.

Canalizar o Tamanduateí e construir sobre a canalização uma grande avenida ligando Santana à Via Anchieta; construção de uma estação rodoviaria no Parque D. Pedro II; casas para o povo, com o pagamento de prestações correspondentes ao aluguel; parques e jardins com o aproveitamento de áreas pertencentes à Prefeitura; estadios municipais para serem usados, sem cobrança de taxas, pelos clubes varzeanos e até instalações sanitarias publicas nos bairros ele prometeu construir.

A **Folha da Manhã** mostrou, a 8 de abril, que quase nada disso tinha sido feito. Publicou a lista de promessas, confessando estar em desacordo com algumas delas por julgá-las demagógicas, e fazendo o balanço para mostrar ao povo até onde ia a **sinceridade de propósitos dos que cortejam o voto.**

Daquela data até o fim do mandato, em 9 de abril de 1961, A. de Barros não fêz pràticamente mais nada. De todas as suas promessas, cumpriu a primeira, integralmente. Ficou realmente 4 anos na Prefeitura, mas só porque foi derrotado por Carvalho Pinto na disputa do govêrno do Estado em outubro de 1958, e por Janio Quadros na eleição para presidente da República em outubro de 1960.

No dia 24 de maio de 1962, A. de Barros saiu do Teatro Paramount, onde se realizara a convenção regional do PSP, para a campanha que, cinco meses depois, o reconduziria aos Campos Elisios. Seus dois adversários eram Janio Quadros e José Bonifácio Coutinho Nogueira. Dois fatôres deram vitória a A. de Barros: a divisão no janismo, aberta pelo governador Carvalho Pinto, ao indicar seu secretário da Agricultura, e a indecisão de José Bonifácio, que procurou cortejar as várias correntes em vez de definir-se. Um editorial de **O Estado de S. Paulo,** depois da vitória adebarrista, afirmava: "Preparemo-nos para o pior. Que ninguém alimente ilusões. Maus tempos se avizinham para São Paulo.

Em seguida, A. de Barros viajou para os Estados Unidos e Europa. Numa entrevista, em Paris, a 18 de dezembro de 1962, disse não ter certeza de tomar posse: "No Brasil nunca se sabe o que vai acontecer daqui a um mês". E aproveitou para fazer sua primeira critica a João Goulart, por causa do "caos economico-financeiro do Brasil".

A posse foi no dia 31 de janeiro de 1963. No dia dois, o governador anunciou que haveria, naquele ano, deficit de 90 bilhões, e insinuou que Carvalho Pinto deixara o Estado em má situação. O professor contestou, houve uma breve polemica e A. de Barros teve de curvar-se. No fim, disse que tudo fôra um engano.

De nôvo, o mesmo

Seu primeiro ato importante foi revogar um decreto do professor Carvalho Pinto, pelo qual os municipios do interior recebiam anualmente as cotas de excesso de arrecadação devidas pelo Estado. Assim, reinstaurou um habito de seu primeiro govêrno, fazendo as cotas serem pagas de dois em dois anos. O resultado é que os municipios, que já haviam feito seus orçamentos incluindo essas cotas, foram prejudicados em todos os seus programas de obras, sem contar que, ao receberem o que lhes devia o Estado, o dinheiro já se desvalorizara bastante. Em seguida, o governador inaugurou um habito: as viagens de fim-de-semana ao Rio. No 1.o ano reinaugurou a usina de Barra Bonita, já inaugurada pelo professor Carvalho Pinto. Em outubro de 63, as nomeações andavam pela casa de 80 por dia. Enquanto isso, cuidava de sua candidatura á presidencia da Republica.

Incluiu em seu Plano de Desenvolvimento Integrado quase todos os projetos do Segundo Plano de Ação do govêrno Carvalho Pinto. A Operação Caiçara, entretanto, foi completamente sabotada. Estava muito ligada ao nome do ex-governador: inumeros serviços já instalados no litoral foram desmantelados ou deixaram de funcionar, por falta de recursos, de servidores, de medicos, de medicamentos, de agronomos regionais, de professores.

De tudo o que foi anunciado, com alarde, no inicio do governo, não se ouve mais falar: a estrada do Oeste não foi muito além dos milhões gastos em propaganda. Em fins de 65, o governador, num balanço de seu trabalho, declarou que iria inaugurar 196 obras importantes. Só que a maioria fôra iniciada e quase concluida pelo professor Carvalho Pinto. O governo A. de Barros foi definido, em maio de 1965, pelo vereador udenista Francisco Morais como "a idade de ouro da caixinha". Foi por isso que homens como o sr. Gabriel dos Santos Neto, ex-diretor do Serviço de Transito, deixaram seus postos: por não aceitarem os métodos do governador.

O homem que saiu ontem, encerrando a fase de corrupção e protecionismo político que se iniciara em 30 e se intensificara por 15 anos — só interrompida em duas gestões e parte de outra — começou suas atividades políticas no Partido Republicano Paulista, de Washington Luís. Ao tempo da revolução de 32 era médico, e como capitão foi delegado militar dos paulistas em Aparecida do Norte e Lorena, sendo exilado depois pelo governo federal. Da Argentina, entretanto, não se desligou dos grupos com quem atuara, e ao voltar quis ser candidato a deputado pelo Partido Constitucionalista. Era interventor em São Paulo o sr. Armando de Salles Oliveira.

A. de Barros não conseguiu entrar para o constitucionalismo, por revelar-se, já, exatamente o oposto do que haviam defendido em 32 os grupos democratas. Mas elegeu-se pelo PRP e tornou-se o lider da oposição, ao lado de Alfredo Ellis Jr., embora nominalmente o lider fosse Cirilo Jr.

O inaugurador

Nesse tempo, Armando Salles pretendia a construção da via Anchieta, e o sr. A. de Barros foi um dos maiores inimigos desse plano. Era então delegado do DOPS em São Paulo o major Dulcidio Cardoso, que promoveu a aproximação do ex-governador com Getulio Vargas. Em pouco tempo, quase todas as ligações que mantinha era com grupos getulistas. Mostrando-se docil, exatamente o homem de que Getulio precisava para minar a resistencia democratica em São Paulo, ele conseguiu sua nomeação para interventoria federal dia 27 de abril de 1938.

Sua posse ocorreu numa epoca de grande instabilidade, e nada aconteceu de notavel em sua gestão. Reinaugurou o Hospital das Clinicas, que Armando de Salles Oliveira havia iniciado e que, de fato, só foi concluido no governo Fernando Costa, após A. de Barros. Foi iniciador da via Anchieta — que criticara quando deputado — da via Anhanguera, do Instituto do Cancer, eletrificou trechos da Estrada de Ferro Sorocabana e Araraquarense. Saiu a 4 de junho de 1941 — tempo de guerra — entrando Fernando Costa em seu lugar.

O grande mérito de A. de Barros foi entretanto perseguir os resistentes à ditadura, e implantar também em São Paulo o getulismo. O "Estado de S. Paulo" foi uma das primeiras vítimas. Primeiro foram presos diretores, jornalistas, por fim invadida a redação e ocupada pela Polícia estadual. O peleguismo e demagogia instalados em 30 no País entravam assim também em São Paulo, para segurança de Getulio.

Ao sair A. de Barros, o homem de Getulio em São Paulo foi Fernando Costa, que ficou até 27 de outubro de 45. Saiu então para poder candidatar-se ao govêrno (constitucional) do Estado, mas não voltou: antes da eleição Vargas sofreu o golpe de outros lideres militares, ao invés de eleição veio outro interventor, desta vez representante do liberalismo democrático antigetulista — José Carlos de Macedo Soares. Ficou de 3 de novembro de 45 a 14 de março, dia em que A. de Barros voltava, após derrotar Prestes Maia nas primeiras eleições livres desde 1930.

A boa obra

A saida de Getulio trouxera imensas esperanças aos paulistas, várias correntes haviam-se reunido em torno de A. de Barros, havia tudo para uma ótima gestão que recuperasse São Paulo do caos em que estivera por mais de 15 anos. Mas aqui está o resumo do que fêz A. de Barros:

— Construiu 40 km da Anhanguera, dizendo sempre ser o inaugurador e realizador de tudo; criou a "caixinha" na Policia, sendo ali seu representante Carneiro da Fonte; contratou propaganda de seu govêrno com uma firma americana, por 40 mil dólares; enfraqueceu a EF Sorocabana, antes uma das mais fortes e organizadas empresas de transportes; nomeações e negociatas entraram na rotina; desvio de 11 bilhões de cruzeiros em apólices do Estado, não recolhidos ao Tesouro; compra de uma emprêsa falida para a Vasp.

O ex-governador conseguiu ainda colocar um "continuador", o seu secretário da Viação, Lucas Nogueira Garcês, que rompeu com o adebarrismo algum tempo depois de tomar posse. Nos ultimos dias de seu govêrno espalhou pela capital suas fotos e propaganda à Presidência, dizendo que isso "nascia espontaneamente do povo". Não se elegeu, nem depois a senador, por ter a candidatura anulada no TRE: desincompatibilizara-se fora do prazo legal. A grande vitória, nessa campanha contra sua candidatura, fôra de Adauto Lúcio Cardoso.

Os 21 homens de 36 anos

Eis os homens que passaram pelo govêrno de São Paulo, desde a subida de Getulio Vargas, em 1930:

Interventor	Posse	Saída
Gen. Hastínfilo de Moura	24/10/30	29/10/30
José Maria Whitaker	30/10/30	6/11/30
Plinio Barreto	7/11/30	25/11/30
João Alberto	26/11/30	24/ 7/31
Laudo F. Camargo	25/ 7/31	13/11/31
Manuel Rabelo	14/11/31	7/ 3/32
Pedro de Toledo	8/ 3/32	10/ 7/32
Pedro de Toledo (governador)	11/ 7/32	1/10/32
Herculano C. Silva	2/10/32	6/10/32
Waldomiro Castilho Lima	7/10/32	31/ 1/33
Waldomiro Castilho Lima (interventor novamente)	1/ 2/33	27/ 7/33
Manuel Cerqueira Daltro F.º	27/ 7/33	21/ 8/33
Armando de Salles Oliveira	22/ 8/33	10/ 4/35
Armando de Salles Oliveira (gov.)	11/ 4/35	29/12/36
Gov. Henrique Bayma	30/12/36	5/11/37
Gov. Cardoso de Melo Neto	6/ 1/37	10/11/37
Cardoso de Melo Neto (nova interventoria)	11/11/37	25/ 4/38
Francisco José Silva Jr.	25/ 4/38	29/ 4/38
A. de Barros	27/ 4/38	4/ 6/41
Fernando Costa	5/ 6/41	27/10/45
Sebastião Nogueira de Lima	28/10/45	3/11/45
José Carlos Macedo Soares	4/11/45	14/ 3/47
A. de Barros (governador)	14/ 3/47	30/ 1/51
Lucas Nogueira Garcês	31/ 1/51	30/ 1/55
Jânio da Silva Quadros	31/ 1/55	30/ 1/59
Carvalho Pinto	31/ 1/59	30/ 1/63
A. de Barros	31/ 1/63	6/ 6/66

32-3335
33-6932
34-3560
33-9840
Marcopolo
Avenida São Luiz, 250

– GAXETAS –
DE AMIANTO
IMPREGNADAS
COM TEFLON
MONGHI & CIA. LTDA.
R. dos Andradas, 347/9
Tels.: 37-8788 — 37-5078
São Paulo

RÁDIO ELDORADO
700 Qlcs.

Excursão para Europa
"COPA DO MUNDO"
Por absoluta impossibilidade de viajar, vendo 3 lugares em excursão marítima. Preço excepcional. FONE: 51-0240.

Seleção foge do barulho de Minas

A Seleção ergueu os braços para um estádio quase vazio. O mineiro queria ver outro Brasil

De Ramon Garcia y Garcia e da Sucursal

Os mineiros tanto fizeram, que não vão ver mais a seleção. A Comissão Técnica não gostou daquela onda feita em tôrno de Tostão e o presidente João Havelange resolveu aceitar a sugestão do supervisor Carlos Nascimento: está cancelado o jôgo que seria realizado amanhã em Belo Horizonte, contra o Peru.

Ontem à noite, às 10 horas, a seleção embarcou, de ônibus, para o Rio.

Na quarta-feira, o Maracanã vai ter uma rodada dupla de seleções brasileiras. A seleção "A" joga com a Polônia e a "B" com o Peru.

Essa decisão foi tomada ontem à noite depois que o time B do Brasil bateu na Polônia de 4 a 1. Carlos Nascimento estava aborrecido, dizia no vestiário: "Essa seleção merecia renda de mais de 100 milhões. Os mineiros não entendem o trabalho da Comissão Técnica, que não olha interêsses de clubes nem de Estados na hora de formar os times. A Comissão trabalha para formar a seleção do Brasil e não para agradar os mineiros".

O supervisor fêz restrições ao movimento da Associação dos Cronistas Esportivos de Minas, que, em combinação com a Rádio Itatiaia, preparou a torcida para fazer um minuto de silêncio antes do início do jôgo. Acontece que o movimento fracassou e o silêncio foi trocado por aplausos daqueles que queriam ver bom futebol. Mas, de qualquer forma, a campanha deu algum resultado, porque a renda não chegou a 60 milhões.

Feola também estava descontente com os mineiros, mas não quis dizer nada. Só falou sôbre o jôgo. E disse que gostou mais do teste do time B, porque achou a Polônia muito melhor do que o Peru. Mas achou que agora os cortes ficaram mais difíceis, deu a entender que pensava cortar mesmo Tostão, coisa pràticamente impossível agora, depois de tudo que êle jogou contra a Polônia.

Tostão levou barulho ao seu povo

Do alto de uma arquibancada quase vazia, e revoltada, descia uma certa indecisão. E faltavam apenas uns cinco minutos para o jôgo começar. Hinos, abraços, braços erguidos e o povo ainda quieto. Bill Simme, o juiz escocês, apitou o começo de Brasil B e Polônia.

Na Pampulha, o estádio estava todo enfeitado de faixas e protestos: "Tostão na Seleção, é a Solução. Tostão, o Atlético também quer vê-lo na Seleção em Londres. Se Tostão não fôr, vamos romper relações com a CBD".

O jôgo ia correndo equilibrado. A defesa da Polônia bem arrumadinha e muito fechada, o Brasil procurando se entrosar. Aos 5 minutos, Denilson mandou a Tostão, daí a Alcindo, volta a Tostão, Alcindo de nôvo e a jogada acabou em Edu.

Aí a torcida esqueceu sua raiva e ficou barulhenta de tanto gritar Tostão, o ídolo da casa. No campo, a Seleção também perdeu a indecisão e depois disto foi fácil ganhar da Polônia por 4 a 1, principalmente por causa das tabelas espetaculares de Tostão e Alcindo.

A Polônia, um time fraco, muito fechado e sem nenhuma objetividade, teve um futebol pequeno demais para a nossa Seleção B. Mesmo assim, o primeiro tempo mostrou muita coisa errada, pior no meio, Dias e Denilson, fazendo jôgo de passes curtos e esquecendo completamente os pontas Jairzinho e Edu.

Por culpa dêsses erros, a Polônia marcou o primeiro gol da partida, aos 37 minutos. Liberda marcou depois de uma boa tabela com Sadek pelo meio da área. Mas a reação do Brasil foi na hora. Depois do gol, os poloneses sumiram com seu futebol.

Aos 43 minutos Alcindo fêz o empate, numa jogada de raça e categoria. A Polônia estava tôda no ataque, mas Dias cortou e fêz um lançamento longo para Alcindo, que entrou entre dois beques pelo meio da área. Foi derrubado e ainda assim tocou de nôvo na bola para mandá-la no canto esquerdo, falhando o goleiro Gomola.

O gol mais bonito de ontem em Belo Horizonte, Tostão marcou aos 45 do primeiro tempo. Tomou a bola de um beque na intermediária, levantou-a e jogou por cima do goleiro, da entrada da área. No segundo tempo, o jôgo ficou mais fácil ainda.

Nosso time voltou melhor, procurando trocar bolas de acôrdo e mais objetivo. O terceiro gol, de Tostão também, foi aos 7 minutos do outro tempo. Alcindo fêz como Pelé: driblou a defesa polonesa inteira e rolou curtinho para Tostão completar.

Daí a pouco Denilson fêz um fol que ninguém esperava. A jogada estava no meio-campo, Denilson tomou com tranquilidade, deu dois passos e encheu o pé, no ângulo esquerdo.

Com 4 a 1 o Brasil já não queria mais nada. Procurou prender mais a bola, a defesa desceu e o ataque se embolou com a entrada de Parada e Paulo Borges nos lugares de Alcindo e Jairzinho. Mas também a nossa Seleção não precisava jogar mais que isso.

O que a defesa mostrou valeu a pena. Manga só falhou uma vez no primeiro tempo, quando cruzaram uma bola alta e êle saltou mal. Fora isso, estêve muito bom e seguro. Na lateral-direita Fidélis deu show de segurança e tranquilidade, dominando completamente o ponta e apoiando certo o ataque.

Mas Belini não manteve aquela serenidade e ritmo do último jôgo. Ficou apavorado algumas vêzes e trombou com os outros da defesa. As jogadas de Orlando não foram brilhantes. E só comprometeu o time uma vez, quando quis enfeitar e perdeu a bola para o bom Liberda da Polônia.

Pela lateral-esquerda, Rildo vem caindo de jôgo para jôgo. Tentou marcar de longe e perdeu a maioria dos lances do seu lado. Apenas no fim do jôgo é que Dias acertou alguns passes e tabelou com Tostão. No mais, estêve falho ali no meio-campo, confundindo-se com os outros. Denílson, no primeiro tempo, foi quase tão ruim como Dias, mas melhorou bastante no segundo. Marcou um bonito gol e fêz o jôgo para a frente, mais objetivo.

Nosso ataque foi assim. Jairzinho não passou de um esforçado na ponta-direita. No começo, entendeu-se bem com Tostão e Alcindo, depois partiu para a violência contra o lateral polonês e a comissão achou melhor tirá-lo de campo.

Alcindo lembrou em Minas a raça de Vavá, foi um dos melhores em campo. Parada entrou em seu lugar e apenas garantiu o corte. Tostão quis mostrar à sua torcida que não precisa dela. Fêz sua melhor partida na Seleção. Edu foi meio esquecido. Mas quando pegava na bola, não sabia o que fazer, aí perdeu sua oportunidade. Paulo Borges substituiu Jairzinho, mas também não teve tempo de mostrar nada.

Contra êles, a Polônia colocou Gomola, Strzatkowasky, Oslizio, Gmoch e Amezok; Suski (Basan) e Blaut; Galesck (Banas) Sadek, Liberda, e Faber (Galesck). Depois do jôgo, a torcida mineira saiu mais satisfeita, e deixou na Pampulha uma renda maior que a do jôgo de sábado no Morumbi: 59 milhões e 186 mil cruzeiros.

Gerson tem pouco cálculo e vai voltar aos treinos

O cálculo de Gérson existe mesmo, mas é um pouco maior que um grão de arroz e está perto de sua bexiga. Não incomoda nada, Gérson pode andar normalmente, dirigir seu carro e fazer o que quiser. O tamanho e a localização do cálculo foram descobertos, ontem cedo, no Hospital da Beneficência Portuguêsa, depois de uma radiografia.

O dr. Anielo Montuori, que assistiu ao exame radiográfico ao lado do médico Oto Vieira (médico particular de Gérson), deu 12 horas para o cálculo sair normalmente pela urina. Se não sair no prazo marcado, usa uma sonda para tirá-lo. O dr. Anielo Montuori ficou satisfeito e Gérson também, porque, se o cálculo estivesse mais em cima, seria necessário uma operação para retirá-lo.

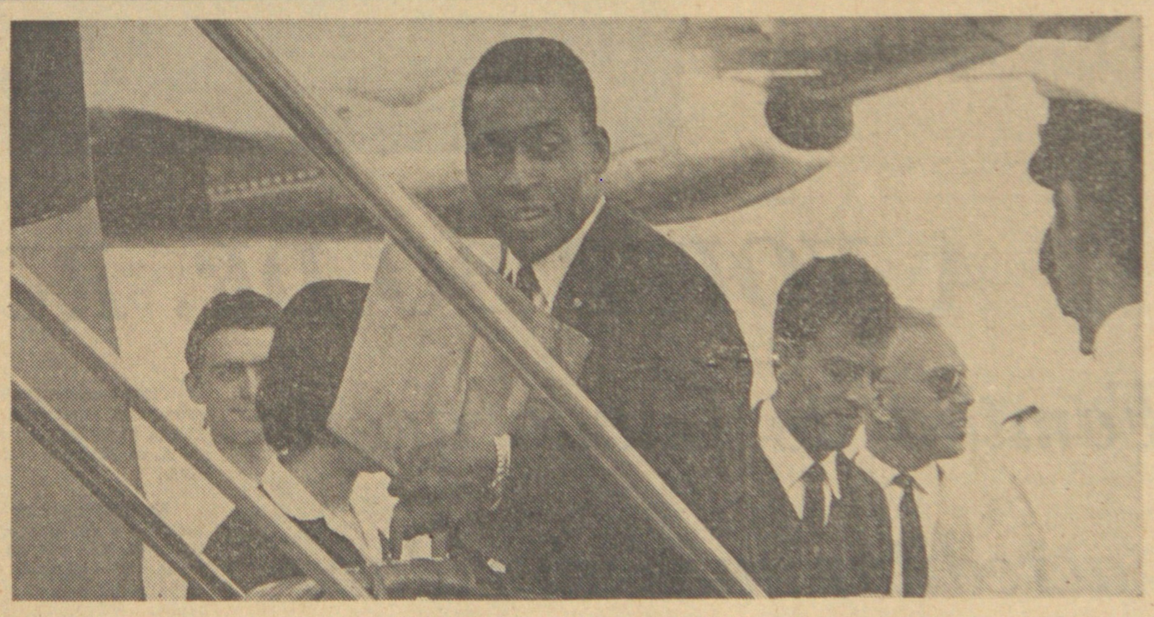
Nêste ultimo caso, Feola poderia começar a arranjar outro para seu lugar, porque não teria condições para ir a Londres. Logo que o cálculo fôr retirado, Gérson pode voltar aos treinos. Ontem à tarde, no aeroporto Santos Dumont, os jogadores da Seleção A se encontraram e foram para Teresópolis.

Os cariocas chegaram primeiro, com exceção de Brito, que foi o ultimo a aparecer no aeroporto. Quando desceu de um taxi de seu primo, o ônibus, por ordem de João Havelange, já havia saído. Raul Guimarães, chefe da delegação, o levou no seu carro. Brito foi entrando no carro e explicando ao chefe a razão do atraso: "Meu vizinho é que me atrasou. Ontem, êle matou a mulher e depois se suicidou na Ilha do Governador. Fui obrigado a ajudar a família dêle a preparar o entêrro".

O presidente Havelange não estava muito satisfeito ontem. Logo que começou o jôgo em Belo Horizonte, êle colou o ouvido no rádio de seu motorista. Queria saber principalmente a renda, para saber se os mineiros trabalharam contra a seleção por causa de Tostão.

"Se conseguir provar que os mineiros fizeram campanha para diminuir a renda, vou fazer rodada dupla no Maracanã quarta-feira. Por imposição, não faço nada".

Pelé foi de São Paulo no mesmo avião dos cantores Vanderlei Cardoso e Rosemere.



Pelé levou um disco para o Rio e ouviu um cantor dizer que quer gravar uma de suas músicas

Festa dos corintianos teve sorriso de criança

Corintians agora é bem diferente

Um Corintians bem diferente é o que a torcida verá na hora que Brandão colocar sua turma no campo de novo. E' o próprio técnico que chegou dizendo isso. No meio da festa que o povo fez ontem de manhã no aeroporto de Congonhas, êle não cansou de elogiar seus jogadores, dizendo: "Agora sim o time está jogando como eu queria, dá gosto ver essa meninada correr".

O Corintians diferente tem o menino Luís Américo de ponta-esquerda, para formar o 4-3-3. Ele é volante e entrou de 11 quando Gilson Porto se machucou, mas foi tão bem que Brandão não teve mais coragem de tirá-lo do time. Brandão está até pensando em pedir ao presidente Wadi que arrume um jogo amistoso, para a torcida ver o futebol que o time está jogando.

A festa no aeroporto foi comandada por Chico Mendes, diretor do Departamento Profissional, que levou quatro caixas de charuto para distribuir. À festa não faltou também a Elisa de sempre. Ela levou muitas flores e jogou pétalas de rosas vermelhas na cabeça de Rivelino, que muita gente considerou o melhor jogador da excursão. Dizem até que o empresário Sanella quer levá-lo para a Itália. "Se fôr, preferiria o Inter". Outros que chegaram sonhando com as liras italianas são Marcos e Nei.

Para merecer tôda aquela festa, que só acabou de noite no Parque São Jorge, o Corintians andou pelas Américas e Europa. Começou perdendo para Emelec e Flamengo, em Guaiaquil. Depois fez 5 a 1 no Barcelona e não perdeu mais. Bateu duas vezes no Fla, depois no Universitário, no Zurich, no Lázio e no Inter. Só foi empatar a ultima com o Espanhol, mas ganhou nos pênaltis e trouxe a Taça "Cidade de Torino".

Flamengo erra em tudo e perde para inglês

Deu tudo errado para o Flamengo ontem à tarde no Maracanã, no fim o resultado só podia ser mesmo uma vitória dos inglêses do West Bromwich por 2 a 1.

Fio fêz 1 a 0 aos 15 minutos, o West empatou num pênalti bem cobrado por Cram aos 27. A vitória veio aos 33 do segundo, numa avançada de John Kaye. Apitou o jôgo o carioca Gualter Portela, o público pagou Cr$ 8.733.430 para ver Franz; Nelsinho, Luís Carlos, Jaime e Leon; Carlinhos e Juarez (Paulo Chôco); Carlos Alberto (Clair), Fio, César e Osvaldo (Almir), pelo Flamengo e Ray Potter; Cram, Fairfax, Danny Campbell e Doug Frases; Graham Lovett e Bobby Hope; Tony Brow, Jeff Astle, John Kaye e Clive Clark pelo West.

Aquelas 100 mil pessoas no estádio Lenin, em Moscou, ficaram bem tristes quando o jôgo do seu selecionado terminou empatado com a França por 3 a 3.

Os gols russos foram de Metrevelli, Bannishevski e Chislenko.

A Hungria vai indo bem, ontem bateu a Suíça por 3 a 1, em Budapest. Gols de Farkas e Bene 2, Kohn fêz para os suiços.

Amauri começa bem

Amauri estreou no Santos com uma vitória sôbre o Olimpico de Blumenau por 2 a 0, fêz um gol, o outro foi de Coutinho. Jogaram, Laercio; Oberdã (Zé Carlos), Mauro (Clodoaldo), Haroldo e Geraldino; Joel e Salomão; Amauri, Toninho (Del Vecchio), Coutinho (Wilson) e Abel. Juiz, Carmelito Voi, renda de Cr$ 8.570.000.

OS ÚLTIMOS PASSOS DE AB

jornal da tarde
O ESTADO DE S. PAULO
Segunda-feira, 6 de junho de 1966

Deputados só falam para apoiar afastamento do ex-governador do Estado

O sr. A. de Barros, antes de ir ao Palacio dos Campos Elisios fazer o seu ultimo pronunciamento, esteve na residencia do **Dr. Rui.** Dali saiu às 21,30 horas, acompanhado por mais duas pessoas e tomou uma perua estacionada perto. Sete minutos depois, chegava ao palacio para manter uma reunião com seus assessores e todo o secretariado.

Seu discurso foi rapido, mas permaneceu ainda durante muito tempo nas dependencias do palacio. Foi examinado pelo seu médico, enquanto seus secretarios insistiam para que ele se retirasse logo, pois o ex-governador tinha um pouco de febre. Um dos secretarios chegou a agarrá-lo pelo braço e apontando a escada disse: "Chega chefe, vamos embora logo, pelo amor de Deus". Teve a resposta: "Se está com pressa, vá na frente e me deixe em paz".

Ficou conversando com todos que o procuravam, e chegou a fazer alguns pedidos: "Tomem muito cuidado com a Dulce. Vai ser a pessoa que me fará sentir muitas saudades". Dona Dulce Barreto, do gabinete do ex-governador, pouco depois iria ao Palácio dos Bandeirantes providenciar parte da mudança.

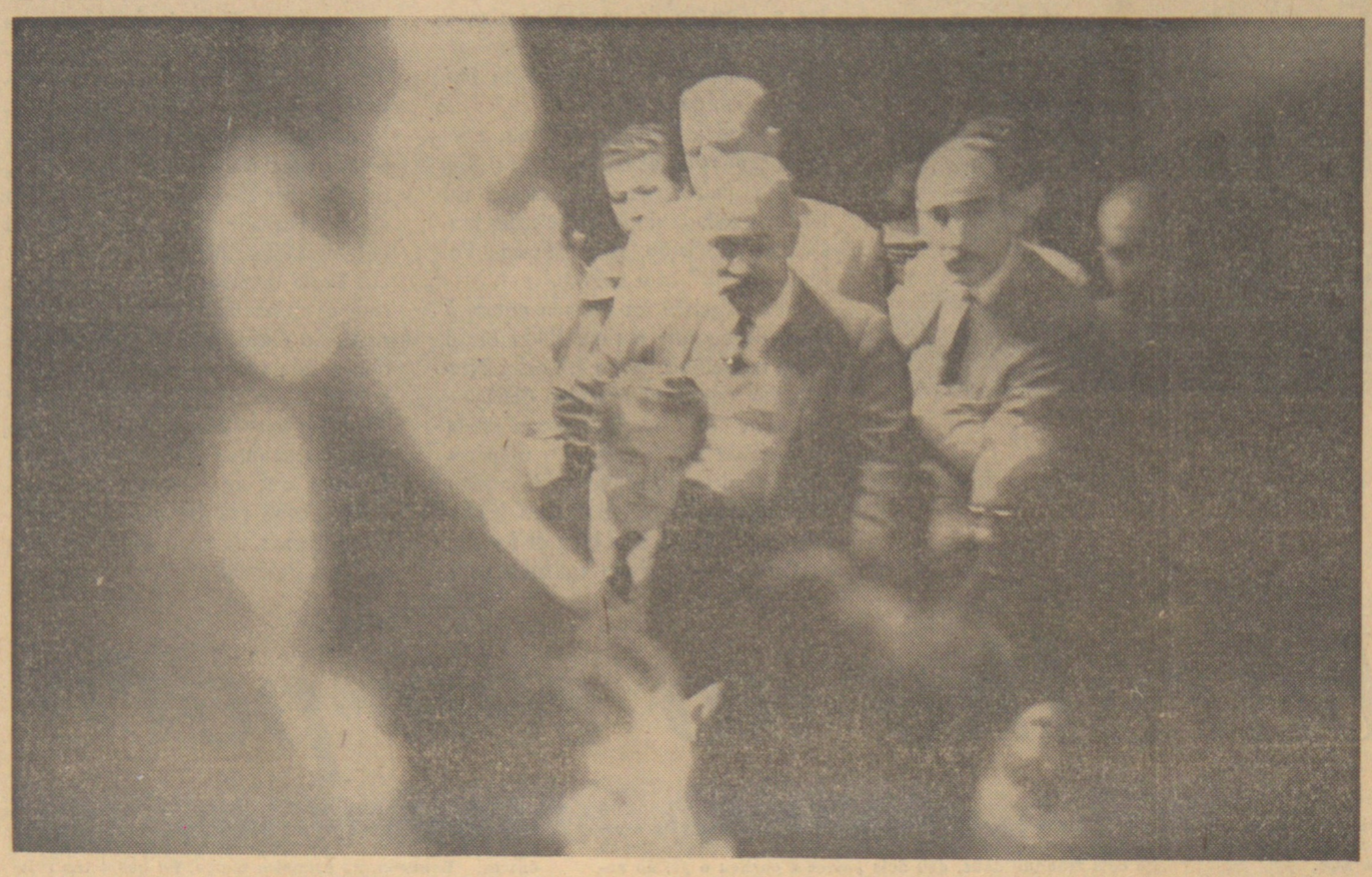
No aeroporto de Congonhas, muita gente ficou durante muito tempo aguardando por novidades. Esperava duas coisas que não aconteceram: a chegada do novo governador Laudo Natel e a saida do ex-governador A. de Barros. Todos comentavam as noticias que os rádios davam a todo momento. Muitos politicos, inclusive o senador padre Calazans e o deputado Nicolau Tuma, permaneceram até meia-noite, quando tiveram a certeza de que nada iria acontecer. Antes de ir ao aeroporto, o deputado Nicolau Tuma, enquanto jantava num restaurante ouviu pelo rádio a cassação do governador de São Paulo e telefonou para o JORNAL DA TARDE, perguntando se a notícia era verdadeira e pedindo mais informações.

No aeroporto, corriam boatos de que um avião da Vasp já estava pronto e abastecido para levar o sr. A. de Barros para uma cidade do Interior, onde descansaria alguns dias, antes de sair definitivamente do país, talvez para os Estados Unidos, onde já se encontra a sua espôsa.

Na Assembléia, o deputado Solon Borges dos Reis explicava a queda do ex-governador: "O que aconteceu foi simples. O govêrno aplicou o Ato Institucional que manda cassar os corruptos. É certo que deveria ter tomado essa medida há mais tempo, porém os ultimos atos do governador, o **panamá** e a nomeação de Adelávio para o Tribunal de Contas foram um acinte. Além disso, o governador utilizou seu cargo para fazer o jôgo de esvaziamento politico da Arena. Isso foi imoral".

Paulo Planet Buarque respondia, gritando: "Pena? Não tenho pena nenhuma. Veio com dois anos de atraso".

Leoncio Ferraz, vice-prefeito, estava também na Assembléia, ouvindo rádio, à meia-noite, no gabinete do Presidente, quando soube que êle e o deputado Francisco Franco estariam na lista dos próximos cassados. Fêz um único comentário: "Oba, vou pescar".



Ontem à noite o dr. Rui jantou com A. de Barros, com muita gente vigiando a casa

A NOITE DO DR. RUI

Família de Laudo queria acreditar mas duvidava

A familia de Laudo Natel recebeu a noticia aos poucos. Ainda vice-governador, Laudo Natel havia saido para o fim-de-semana em sua fazenda Maria Zilda, a 12 quilometros de Itu. Era só isso o que a familia respondia para os telefonemas que começaram ás duas da tarde de ontem.

Dona Zilda, mulher de Laudo Natel, conversava com muitos parentes e amigos que apareceram á tarde na casa 115 da rua Capitão Gracindo, no Pacaembu, mas sem saber nada direito.

Ás 19h 30m, só estavam em casa um sobrinho de Laudo — Laerte — e dois filhos: Mauricio, de 15 anos, e Ivan, de 18, estudante de Engenharia, que estava namorando e foi para a casa.

Ás 19h 30m a familia de Laudo Natel ainda não tinha muita certeza da noticia. Alguns politicos já haviam ligado para o telefone 32-3258: Cunha Bueno, Silvio Fernandes Lopes, Arnaldo Cerdeira (ligou 3 vêzes).

A partir dos telefonemas a notícia começou a ganhar consistência. Os parentes e amigos estavam um pouco nervosos, sem saber se acreditavam, querendo acreditar.

O movimento de visitas aumentou de repente. O guarda-civil Luís Antônio Bestete — é guarda há um mês — estava de serviço. Ficou inquieto, quis pedir refôrço — a família achou melhor esperar que Laudo Natel chegasse para decidir.

Pelas 8 da noite circulou pela casa a notícia de que Laudo estava em Aparecida, de volta do Rio. Ninguém soube explicar se era verdade. Pouco depois, Maurício — o filho de 15 anos — entrou dizendo que a Rádio Eldorado estava dando a notícia.

Ligaram um tevê portátil em cima de outra — também ligada, e mais um rádio de pilha. Com tudo ligado, já havia certeza de que era verdade.

Essa certeza acabou de se confirmar com o telefonema do deputado Planet Buarque, que chegou á casa de Laudo cinco minutos depois, de sobretudo e camisa esporte.

Planet foi direto ao telefone, quis ligar com o presidente da Assembléia, Francisco Franco. Mas não conseguia falar, porque as pessoas ligavam para a casa de Laudo Natel — e Planet atendia dizendo que era da casa do governador e apresentando-se como o contínuo.

Duas frases de Planet Buarque ao telefone: "A cassação veio com dois anos de atraso"; "é um abacaxi que o Laudo vai pegar. Só as nomeações vão lhe dar muita dor de cabeça".

No final da noite, já com a certeza da notícia, já com o refôrço que o guarda Luís Antônio Bestite havia conseguido — uma RP e três guardas —, a família de Laudo Natel estava mais tranquila e mais emocionada. Sabiam que a posse seria hoje de manhã e que Laudo estava com o deputado Salvador Julianelli.

Cinco investigadores do DOPS, afundados nos sobretudos, guardavam a porta do edifício São Tomás, esquina da Ipiranga com a São Luís, onde A. de Barros e o **Dr. Rui** jantavam, ás 7 da noite.

Havia duas peruas — uma Rural e uma Chevrolet — e um movimento assustado dos investigadores, indo e vindo, atravessando a rua, voltando para a porta do edifício. Numa hora um dêles gritou para o motorista da perua Chevrolet:

"Você tem muita gasolina aí? Então vá se preparando".

O Mercedes preto chapa 25-30-81, usado pelo **Dr. Rui,** não estava na garagem do edifício e no ultimo andar do prédio, todo ocupado pelo **doutor,** apenas havia uma luz acesa.

Ás oito e quinze chegou o padre Baleeiro, muito agitado, num Volks pé-de-boi. Falou com os tiras do DOPS, e saiu logo com muita pressa.

Ás 9 e quarenta em ponto o **Dr. Rui** saiu do prédio, sorridente, com dois investigadores. Num mantô vermelho que lhe ia até os joelhos, encaminhou-se para a perua Chevrolet, sorriu para o motorista, sem falar nada. Seguiu pela avenida Ipiranga, conversando com os tiras, com ar muito normal. Sorrindo sempre.

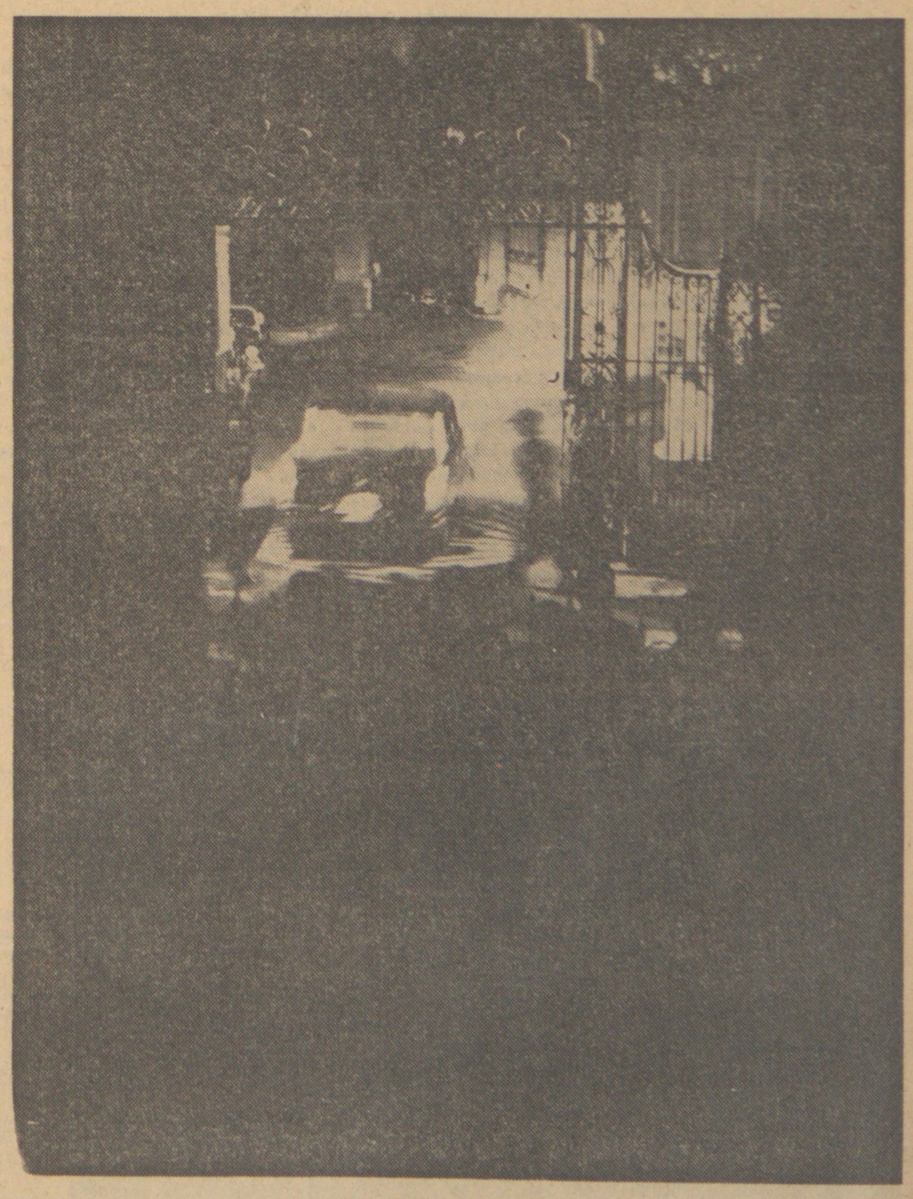
Na esquina da Barão de Itapetininga parou para olhar uma vitrina, seguiu por aquela rua, parou de nôvo em frente á loja **Viagem Barão** e ficou olhando umas malas, durante 5 minutos.

Neste momento A. de Barros saia do edifício, entrava na Rural que arrancou a tôda velocidade para os Campos Elisios. Êle ia no banco de trás, muito pálido, sem conversar com os 3 tiras do DOPS que o acompanhavam.

A MULHER DE VERDE

Ás 23h10, o motorista do sr. A. de Barro esteve no apartamento do **dr. Rui** e foi atendido por um senhor chamado Renato, que informou que dona Ana estava viajando. Mas ás 23h20 o porteiro José Mondin, quando subiu ao ultimo andar e apertou a campainha, foi atendido pela empregada: "Olha, não fala com ninguém, mas a dona Ana está aqui".

A meia-noite e vinte desceu um casal — ela de vermelho com um lenço na cabeça e ele um senhor já de idade vestindo terno escuro — além de outro homem de óculos, fumando cachimbo, e uma mulher de verde, que no elevador disse trabalhar no palácio com o ex-governador. Disse também que o sr. A. de Barros havia telefonado para dona Ana pouco antes. Foram todos para o bar **Arpege,** na São Luís, onde estavam também o deputado Paulo Lauro e os assessores Vitor, Guilherme e Rui. A mulher de verde informou que Ana Capriglione vai para uma fazenda e que A. de Barros iria lá apanhá-la.



A guarda do Palácio foi reforçada ontem à noite, quando AB chegou